

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras

Elaine Cristina Andrade Pereira

TEMPO E MEMÓRIA NA NARRATIVA
ANTES DE NASCER O MUNDO, DE MIA COUTO

Belo Horizonte
2015

Elaine Cristina Andrade Pereira

**TEMPO E MEMÓRIA NA NARRATIVA
ANTES DE NASCER O MUNDO, DE MIA COUTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Terezinha
Taborda Moreira

Belo Horizonte
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P436t Pereira, Elaine Cristina Andrade
Tempo e memória na narrativa antes de nascer o mundo, de Mia Couto /
Elaine Cristina Andrade Pereira, Belo Horizonte, 2015.
90 f.

Orientadora: Terezinha Taborda Moreira
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Couto, Mia, 1955-. Antes de nascer o mundo - Crítica e interpretação. 2. Literatura moçambicana (Português). 3. Tempo (Filosofia). 4. Memória. I. Moreira, Terezinha Taborda. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 869.0(673).09

Elaine Cristina Andrade Pereira

**TEMPO E MEMÓRIA NA NARRATIVA
ANTES DE NASCER O MUNDO, DE MIA COUTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Prof.^a Dr.^a Terezinha Taborda Moreira (Orientadora – PUC Minas)

Prof.^a Dr.^a Priscila Campolina de Sá Campello

Prof.^a Dr.^a Elzira Divina Perpétua (UFOP)

Prof. Dr. Alexandre Veloso de Abreu (PUC Minas)

Belo Horizonte, 10 de fevereiro de 2015.

Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu; há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de se arrancar o que se plantou. (Eclesiastes, capítulo 03, versículos 1-2).

AGRADECIMENTOS

Quatro anos após a realização do sonho de concluir a graduação em Letras, venho mais uma vez agradecer primeiramente a Deus por ter me oportunizado mais uma conquista na minha formação acadêmica, sendo ela a titulação de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa.

Obrigada meu bom pai, por ter sido durante trinta meses seguidos o meu fiel companheiro nesta peregrinação por tortuosos caminhos que me levaram ainda mais longe a um “lugar” chamado Conhecimento. Posso afirmar agora, sem a menor sombra de dúvidas, que sou um ser humano bem melhor do que aquele recém-saído da faculdade de Letras, e não é na verdade justamente isto o mais importante? Isso porque, meu senhor, acabei descobrindo que o saber ultrapassa os limites do cognitivo, ele nos faz alçar voos muito maiores em direção a nós mesmos. O conhecimento nos faz evoluir, transgredir e refletir a condição humana em vários âmbitos: social, moral e intelectual.

Oferto essa conquista à minha mãe Neide Maria Andrade Pereira, a maior de todas as estrelas da constelação de minha alma. Obrigada mãezinha, por torcer sempre pelo meu sucesso, mesmo sabendo que o vento, geralmente, sopra contra mim. Obrigada também por todos os valores que me ensinou e que hoje me ajudam a saber quem eu sou, e o que sou, sou de verdade.

Agradeço a professora Terezinha Taborda Moreira, minha orientadora e grande incentivadora desde os tempos em que me lecionava Literatura de Língua Africana na PUC Minas em Betim, quando se deu início em minha vida a grande paixão pelas obras de Mia Couto. Obrigada professora por ter acreditado no meu potencial, sempre mantendo uma paciência incrível ante as minhas dificuldades, e por ter me impulsionado a descobrir que cada pessoa tem o seu tempo. Sempre serei uma de suas grandes admiradoras. Obrigada por tudo.

Agradeço também a meu irmão Marcus Vinicius Andrade Pereira que, mesmo discretamente, me estimulou a continuar. Obrigada, de coração.

Ao Vale do Amanhecer, que também é África, por ter me mostrado que há vários caminhos para se chegar a Deus, o importante é ter fé e acreditar verdadeiramente em um deles.

À minha amada amiga Ana Lúcia Costa Barbosa, que é para mim um grande presente que ganhei ao cursar as disciplinas de mestrado na PUC Minas do Coração Eucarístico. Ana, muito obrigada por ter dividido comigo este desafio, que nos tornou pessoas melhores, não é mesmo? Tenho certeza absoluta de que suas palavras fizeram muita diferença em vários momentos dessa minha caminhada. Que Deus lhe retribua em dobro todo o bem que você me fez.

Aos professores do curso de Graduação e Pós-graduação em Letras da PUC Minas pelos ensinamentos que permanecerão por todo o sempre.

À Prof.^a Dr.^a Priscila Campolina de Sá Campello, à Prof.^a Dr.^a Elzira Divina Perpétua e ao Prof. Dr. Alexandre Veloso de Abreu, por, tão gentilmente, se disponibilizarem a examinar e avaliar este trabalho. A todos eles, o meu muito obrigada.

E, finalmente, a Mia Couto, que escreveu uma obra tão grandiosa e tão desafiadora como “Antes de nascer o mundo”, capaz de nos conduzir a ricos caminhos, e por suas personagens, que nos fazem refletir que o amor tudo justifica, mas o que realmente nos ajuda a explicar/entender a vida e se relacionar com o tempo, é o que está guardado dentro de nós, e isto, ninguém é capaz de nos tirar. Aprendi muito com todas elas.

Eu “estive” em África, agora a África está dentro de mim. Deus acreditou novamente na minha vocação, e por isso, deu tudo certo mais uma vez. Salve Deus!

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo analisar como a construção do enredo da obra **Antes de nascer o mundo** (2010), do escritor moçambicano Mia Couto, permite a encenação de várias temporalidades. Para tanto lançamos mão dos estudos filosóficos de Paul Ricoeur (1994), que propõe-se a pensar o tempo por meio da criação literária, na medida em que ela possibilita a encenação de distintas temporalidades através das personagens que compõem uma obra. Dessa forma, realizamos uma análise das principais personagens do livro de Mia Couto, sempre tendo como base as reflexões e considerações do narrador Mwanito, que é quem as expõe a partir de sua memória. Os resultados dessas análises nos levaram a concluir que a escrita memorialista de Mwanito cruza várias temporalidades na obra, enquanto organiza a sua própria memória individual. E ao organizar sua memória individual, essa personagem não só expõe os equívocos existentes na memória coletiva de Moçambique, como também promove a emersão de memórias subterrâneas que também compõem a história desse país e a sua.

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Tempo. Memória. **Antes de nascer o mundo.**

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo analizar como la construcción del enredo de la obra *Antes de nacer el mundo* (2010), del escritor mozambiqueño Mia Couto, permite la encenación de varios conceptos de tiempo. Para eso lanzamos mano de los estudios filosóficos de Paul Ricoeur (1994), que trabajó el tiempo fuera del concepto de síntesis, demostrando la posibilidad de construirse, por medio de la creación literaria, un modelo hermenéutico que posibilita la encenación de distinguidas temporalidades por medio de los personajes que componen la obra. De esa forma, realizamos un análisis de los principales personajes del libro de Mia Couto, siempre teniendo como base las reflexiones y consideraciones del narrador Mwanito, que es quién las exponen en consonancia con su crivo. Los resultados de esos análisis nos llevan a creer que, la escritura de Mwanito permite, por medio de la exposición de las temporalidades presentes en la obra, que este personaje organice su memoria individual, hasta entonces fragmentada por motivos familiares e históricos. Y al organizar/exponer su memoria individual, este personaje no sólo elucida los equívocos existentes en la memoria colectiva de Mozambique, como también la emergencia de la memoria subterránea de ese país.

Palabras claves: Literatura mozambiqueña. Tiempo. Memoria. **Antes de nacer el mundo**

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1. TEMPO E TEMPORALIDADES.....	16
1.1 O tempo na narrativa literária.....	16
1.2 O tempo na narrativa literária Antes de nascer o mundo	20
1.2.1 Mwanito e Ntunzi: o tempo doser.....	23
1.2.2 Silvestre Vitalício: o não-tempo do existir.....	33
2. O PASSADO E O FUTURO.....	43
2.1 Marta e o tempo futuro.....	43
2.2 Dordalma: um passado que não passa.....	57
3. O TEMPO DO (RE) NASCIMENTO DO MUNDO.....	66
3.1 O tempo e a memória.....	66
3.2 O tempo da história.....	69
3.3 Mwanito: os tempos do existir.....	73
3.4 Silvestre Vitalício: as aporias do presente.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
BIBLIOGRAFIA.....	89

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa nasceu das nossas reflexões acerca do que seria o tempo e como ele é representado na narrativa **Antes de nascer o mundo**, do escritor moçambicano Mia Couto. Ao iniciar o nosso estudo constatamos que o tempo regular é uma incógnita humana, que atravessa os séculos sem ser resolvida. E quanto mais o homem tenta rotulá-lo por meio de teorias que o abrangem em sua totalidade, mais o tempo lhe escapa.

Dessa maneira, nos pareceu pertinente analisar o tempo na narrativa em pauta a partir do conceito de “conexão significativa” proposto por Paul Ricoeur (1994), que buscou, em seus estudos, demonstrar como a ficção, por meio da escrita narrativa, permite organizar a experiência temporal humana. Aliás, para o filósofo, a organização da experiência temporal humana somente se realiza através da literatura.

Sendo as obras de Mia Couto fortunas literárias que, dentre outras características marcantes, abordam a questão do tempo sempre de maneira crítica, criativa, inovadora, reflexiva e peculiar, chamou a nossa atenção no livro **Antes de nascer o mundo**, a maneira como a construção narrativa encena um enredo em que diferentes temporalidades são engendradas de maneira a eclodir em denúncias e reflexões sociais acerca de equívocos históricos arraigados na cultura moçambicana.

No século XV o mundo passou por um período de descobertas marítimas que possibilitaram domínios territoriais, contribuindo efetivamente para a demarcação do Globo terrestre, bem como para a formação cultural dos continentes que hoje formam o planeta Terra. Durante essa fase da humanidade, Portugal se destacava entre os pioneiros navais, por ter esse país uma localização geográfica privilegiada. Tal fator muito contribuiu para a sua expansão marítima, lhe possibilitando o domínio de várias Terras e, conseqüentemente, vários povos.

Exatamente no ano de 1415, os portugueses “atravessaram o Estreito de Gibraltar a fim de cercarem Ceuta, no norte do Marrocos”. (HAMILTON, 2000, p. 11). Tal feito lhes proporcionou a liderança na conquista pela África, aportaram em suas terras, e nelas se instalaram literalmente.

Ao dominar o continente africano, Portugal impôs aos nativos dessa terra um processo de colonização arbitrário e cruel, típico dessa fase histórica mundial, tendo ele se perpetuado durante todo o período colonial. “A fim de civilizar os selvagens, havia tentativas sancionadas pelas autoridades de impor normas sociais, religiosas e culturais europeias aos povos africanos” (HAMILTON, 2000, p. 12) que deixaram marcas na identidade dos países desse continente, como é o caso de Moçambique, país localizado na costa sudeste da África.

Todavia, ao impor tal processo de colonização, Portugal, sem ter uma intenção direta e objetiva, propiciou a formação de cidadãos africanos letrados que, embora em raras ocasiões, deram origem à escrita culta do continente. Em consonância com o período colonial e com a formação das nações independentes, a literatura africana se constituiu por meio desse rico filete de escritores, do qual faz parte o ficcionista moçambicano Antônio Emílio Leite Couto, mundialmente conhecido pelo pseudônimo de Mia Couto, autor da obra **Antes de nascer o mundo** (2010) que será analisada neste texto.

Após dez longos anos de luta armada em uma guerra civil violenta, Moçambique conseguiu se estabelecer como nação independente no dia 25 de junho de 1975. A partir de então, iniciou-se o período literário moçambicano pós-colonial que, ao contrário de seu antecessor, não abarca o tom coletivo nacional. Os escritores pertencentes a essa fase literária, “assumem um tom individual e intimista para relatar a sua experiência pós-colonial” (HAMILTON, 2000, p. 15), como é o caso de Mia Couto.

Seu pai Fernando Couto somava em sua ocupação profissional as atividades intelectuais de tradutor e organizador de antologias, ofícios dedicados em tipografias de Moçambique, tendo ele muito contribuído para com a escrita do filho. Mia Couto viveu seus primeiros dezessete anos em um Moçambique colônia de Portugal, tendo o processo de colonização refletido na sua formação. Ele também foi militante da Frente de Libertação de Moçambique.

Contrariando essa realidade de fatos que o cercavam em sua formação intelectual, Mia Couto, já na adolescência, iniciou seus primeiros escritos, que pela qualidade dos textos eram publicados de forma sigilosa pelo seu próprio pai em

periódicos da época. Tendo um potencial poético singular, Mia Couto, em suas narrativas, demonstra um motivo comum que abarca sua escrita, sendo ele:

A profunda crise econômica e cultural que acompanha o cotidiano da sociedade moçambicana, durante e depois da guerra civil, ou seja, após a independência nacional. Suas obras problematizam a instabilidade na qual está mergulhado o povo moçambicano, a corrupção em todos os níveis do poder, as injustiças como consequência de um racismo étnico, a subserviência perante o estrangeiro, a perplexidade face às rápidas mudanças sociais, o desrespeito pelos valores tradicionais, a despersonalização, a miséria. (FONSECA & MOREIRA, 2007, p. 55).

A primeira produção literária de Mia Couto publicada foi no campo da poesia, no ano de 1983. Intitulada **Raiz de orvalho**, o livro seguiu a tendência literária pós-independente moçambicana de compor obras curtas. Posteriormente o ficcionista se dedicou a escrever crônicas, sendo estas publicadas inicialmente em jornais. Sua escrita ganhou maior destaque no ano de 1986 com a publicação do seu primeiro livro de contos, intitulado **Vozes anoitecidas**, que projetou o nome do autor para o âmbito literário mundial. Nessa obra, Mia Couto inscreveu a base identitária da sua escrita, sendo ela referente à reconstrução da relação próxima entre o registro oral e o escrito.

Uma vez não se expressando massivamente por meio da escrita, o fator oral tornou-se um meio forte de expressão em Moçambique, como forma de contar histórias e representar a realidade vivida e presenciada pelos indivíduos. Dessa forma, a expressão oral nesse país parece desenhar uma forma de o indivíduo estar no mundo, fazer parte dele. Esse contato próximo com a oralidade moçambicana propiciou a Mia Couto uma maior sensibilidade para o mundo da oralidade. Tais fatores contribuíram e influenciaram seus textos, tornando sua escrita mais emotiva, poética e original.

Tal marca, em um primeiro momento, gerou um certo receio dentre os intelectuais moçambicanos da época, tamanha a criatividade e ousadia literária do escritor Mia Couto de se aventurar na criação de uma nova linguagem peculiar e desafiadora. Ao escrever sobre essa polêmica, a estudiosa Ana Cláudia da Silva (2010) lançou mão das considerações de Pires Laranjeira (1995), que, em seu texto, discorreu sobre o assunto tendo como base os dois escritores moçambicanos que

assinaram os dois prefácios da obra **Vozes anoitecidas**, sendo eles José Craveirinha e Luís Carlos Patraquim:

Esses dois poetas [José Craveirinha e Luís Carlos Patraquim, que assinam os dois prefácios de *Vozes anoitecidas*] avalizaram textos que haveriam de *provocar polémica em Mocambique*, pelo facto de não se aceitar, nalguns meios, que se pudesse criar *uma linguagem simuladora da oralidade, eloquência e ingenuidade populares, mas requintadamente construída, como língua literária própria (de Mia Couto e de Mocambique)*. Principal objecção: ninguém raciocina nem fala como nos contos de *Vozes anoitecidas* e, por isso, certas liberdades, como a criação descomplexada de neologismos, comprometia a adesão de amplas massas de leitores. Daí que tal caminho para a literatura moçambicana fosse desaconselhado. (LARANJEIRA, 1995b, p.313, grifos do autor).

Ao criar uma escrita que se desenvolve em estreita relação com a oralidade, Mia Couto inovou a literatura moçambicana, tamanha a expressividade que a sua escrita alcança. Em função disso, este ficcionista, ao escrever, passeia singularmente entre o real e o improvável, mesclando realidades distintas. Por meio de suas obras, “o leitor é confrontado com situações que interseccionam elementos da esfera do real e do onírico, do mundo dos vivos e dos mortos”. (FONSECA & MOREIRA, 2007, p. 55).

Outro momento importante da carreira de Mia Couto se refere à publicação do livro **Antes de nascer o mundo**, no ano de 2009 em Lisboa. Lançada inicialmente com o título *Jesusalém*, esta obra, para muitos estudiosos, salienta a escrita de um autor extremamente maduro, com a inteira posse de suas habilidades literárias e criatividade ficcional. A troca de títulos da narrativa se fez necessária, de acordo com a análise dos editores responsáveis, uma vez que, a nomenclatura original- *Jesusalém*- remete a um forte cunho religioso, o que poderia gerar uma ambiguidade de interpretações por parte de alguns leitores.

Antes de nascer o mundo é dividida em três partes específicas. A primeira, intitulada “A humanidade”, retrata cada um dos habitantes da cidade de *Jesusalém*. A segunda parte, “A visita”, trata da chegada da primeira mulher a cidade cárcere, sobretudo as consequências que a sua presença provoca dentre os seus moradores de *Jesusalém*. Já a terceira e última parte da obra de Mia Couto, “Revelações e regresso”, trata da finalização da narrativa, com o regresso da família protagonista da obra ao meio social comum. Outros fatores também são explorados nesse

desfecho, sobretudo ao que concerne a denúncias sociais, conforme se verá no decorrer deste texto.

Para compor o enredo da narrativa **Antes de nascer o mundo**, Mia Couto lançou mão de seu já conhecido e prestigiado estilo poético consagrado, atrelando-o a um tempo complexo. Dessa maneira, procurou-se, neste trabalho, fazer uma análise da narrativa em questão, de maneira a que expresse esse último traço apontado para a obra do autor.

Em um primeiro momento, abordamos a questão do tempo dentro da literatura, e como as considerações de Paul Ricoeur (1994) são pertinentes aos objetivos desta pesquisa de refletir sobre as temporalidades presentes na obra **Antes de nascer o mundo**.

O narrador-personagem Mwanito é analisado juntamente com seu irmão Ntunzi, tendo sido esta escolha feita por se considerar que a construção da subjetividade de ambos é feita de maneira complementar devido ao fato de estarem inseridos num mesmo contexto, embora sejam envolvidos por temporalidades distintas. Em seguida, analisamos a personagem Silvestre Vitalício, que nos é trazida a partir, também, das considerações da personagem Mwanito.

Com o intento de alcançar os objetivos delineados acima, buscamos, no primeiro capítulo desta dissertação, refletir sobre a construção dessas personagens centrais na obra tomando, como aporte teórico, algumas noções de tempo trabalhadas por teóricos como Paul Ricoeur (1994), Alexis Kagame (1975) e Hans Meyerhoff (1976).

No Capítulo II analisamos as duas principais personagens femininas do enredo dessa narrativa, Marta e Dordalma. Tais personagens são trabalhadas de maneira a expor também a questão da repressão feminina que ocorre em Moçambique, que, mesmo depois da independência, ainda mantém um tratamento discriminatório em relação à mulher. Para essa reflexão, além dos outros teóricos já citados, considerações do intelectual Mário Pinto de Andrade (1997) foram pertinentes para nos auxiliarem na construção de nossa reflexão.

No Capítulo III prosseguimos com a análise da obra **Antes de nascer o mundo** tentando explorar como a organização da memória individual do narrador Mwanito culmina na exposição da memória coletiva de Moçambique, possibilitando a

emersão da memória subterrânea do país. Neste sentido, os textos de Maurice Halbwachs (2004), Michael Pollack (1989), Kwame Anthony Appiah (1997) e Fernando Catroga (2001) foram fundamentais para construirmos nossa análise.

1 TEMPO E TEMPORALIDADES

1.1 O tempo na narrativa literária

O ser humano comum está submetido ao tempo regular de forma involuntária e irreversível. Assim, ao nascer, ele inicia um processo de maturação subjetiva, estando este entrelaçado a fatores externos como família, meio, geração e cultura. Há também os elementos relacionados à consumação conatural, definida por Alexis Kagame (1975) como os acidentes que podem ocorrer durante o percurso existencial, como a morte de um ente querido, por exemplo. Tais acidentes podem culminar na alteração das características de um indivíduo, fazendo com que ele se torne o que não era até então. Pode-se concluir, então, que o desenrolar comum da vida depende da fruição natural do tempo regular.

Torna-se assim desconfortável e conflitante essa situação humana de incerteza quanto ao que está por vir. Tal insegurança fez com que o tempo regular recebesse rotulações culturais que impuseram sobre ele duas visões: por um lado, ele pode ser visto como algo positivo, por acarretar possibilidades de crescimento, mudança, inovação, solução para problemas e angústias pessoais, podendo até mesmo ser – ou trazer – resposta para tudo; por outro lado, ele pode ser entendido como um juiz impiedoso, capaz de roubar das pessoas seus entes queridos, sua coragem, força e até mesmo a felicidade, ultrapassando seus gostos e vontade própria.

Todavia, apesar dessa submissão natural, cabe ao indivíduo, ao passar pela experiência temporal, fazer escolhas em cada fase em que ele estiver, e estas determinarão o que irá vir. Dentro dessas escolhas, há a angustiante necessidade de selecionar, de acordo com suas possibilidades relativas aos fatores externos e à consumação, que tipo de relação ele quer estabelecer com o tempo regular, podendo ela ser saudável ou não. Obviamente, essa é uma questão que ultrapassa os conceitos básicos de tempo. O que explica, ou justifica a escolha de como o

indivíduo irá absorver o elemento temporal em sua vida refere-se às questões relacionadas aos fatores externos.

Ao explorar os fatores externos, nos deparamos com pilares sociais como família, política, religião e cultura, que com certeza fazem parte da vida de qualquer cidadão inserido em um meio social, que está sob a demarcação de um determinado espaço. Apesar de muitos desses pilares ainda sofrerem influência dos pais, como a religião, por exemplo, não há como negar que todo ser humano está à mercê de uma força grandiosa, que, atrelada a circunstâncias que fogem do seu controle, o faz seguir a vida como personagem de sua própria história.

As incógnitas relacionadas ao tempo regular estimularam o seu estudo ao longo da história, uma vez que o ser humano, na ânsia de encontrar respostas para suas angústias em relação a esse tempo, dedicou-se a rotulá-lo por meio de uma designação que preenchesse totalmente as lacunas deixadas por ele ao longo da sua existência.

Todavia, ao buscar uma resposta única, que, isoladamente, supriria todos os espaços deixados pelo tempo regular, o homem parece ter aumentado os conflitos que já existem acerca dele. Isso porque, ao intentar sintetizar o tempo, esse deixa de ser humano, por perder o seu caráter subjetivo. Obviamente, os estudos realizados sobre o tempo regular contribuíram e muito para com o seu conhecimento teórico e científico, mas, isolados no campo do conhecimento, não suprem o desejo humano de abarcar o tempo em sua plenitude.

A ficção, por meio da narrativa, permite uma possível encenação do tempo. A esse respeito escreveu Paul Ricoeur (1994), que trabalhou a ideia de tempo fora do conceito de síntese, seguindo um pensamento hermenêutico. Para esse autor, a especulação sobre o tempo seria uma espécie de processo contínuo e inconclusivo, a qual só seria possível por meio da sua aplicação na atividade narrativa. Não que a literatura resolva as aporias do tempo, mas, na perspectiva de Ricoeur, ela possibilitaria compreender a sua passagem, por torná-lo humano. A definição conceitual de tempo regular refere-se à sucessão temporal adotada comumente pela sociedade, sendo ela marcada geralmente pelo relógio e pelo calendário. Uma segunda noção, referente ao tempo poético, foi levantada nos estudos filosóficos do pesquisador Paul Ricoeur na trilogia denominada **Tempo e narrativa** (1994), na qual

o autor trabalhou a questão do tempo buscando demonstrar efetivamente a existência de uma relação dialógica entre a função narrativa e a experiência temporal humana, a qual, para o autor, forma um “circulo entre narrativa e temporalidade”. (RICOEUR, 1994, p. 15).

Segundo os estudos de Paul Ricoeur, o tempo nasce de uma aporia e só se desenvolve por meio de outras, estando elas atreladas a diferentes posições que correspondem, de modo lógico, a uma mesma questão. O objetivo da obra de Ricoeur é analisar como o processo de composição dessas aporias desempenharia um papel semelhante ao de conferir sentido a experiência humana de tempo.

Ao trabalhar o conceito de tempo fora da ideia de síntese da diversidade temporal, Paul Ricoeur segue um pensamento hermenêutico subdividido em três pontos centrais: o primeiro relativo à circularidade que se estabelece entre narrativa e tempo; o segundo referente à metáfora viva, constituída pela presença simultânea de traços semânticos tanto na narrativa quanto na temporalidade pressuposta por ela; e o terceiro atribuído à constituição de uma identidade narrativa que se apresenta não como um dado apriorístico, mas como algo que emerge do texto. Para Ricoeur (1994), a narrativa não somente permite a organização temporal, como também produz uma forma pertinente para a sua representação.

A forma de elaboração dessa representatividade temporal dentro do espaço literário narrativo, ainda segundo Ricoeur, se atrela também a fatores históricos e intencionais do autor que a escreve. Tal premissa se justificaria pelo fato de que a ação narrativa requer não somente a configuração de ações humanas a serem expostas e avaliadas, como também discorrer sobre significados e analisar situações. Assim sendo, ao selecionar métodos de análise para as situações, o autor de uma obra estabelece uma forma própria de narrar o tempo.

Essa alternativa para o entendimento da narrativa literária, no que se refere à questão temporal, requer a criação de novos conceitos. Paul Ricoeur (1994) estabelece, em um primeiro momento, o conceito de “evento”, que, ao contrário do seu significado primário, não conduz a interpretação de um acontecimento breve, mas sim, remete a todo fato, previsto ou corriqueiro, que produz, dentro da narrativa literária, algum tipo de mudança significativa, podendo ser ela positiva ou não.

O “evento” desencadeia uma série de movimentos dentro da narrativa, que, ao interagirem, produzem outros. Essa relação significativa dentro da narrativa literária permite a inter-relação das personagens, bem como o posicionamento de cada uma quanto ao tipo de relação estabelecida para com a questão temporal. Tais seleções, que cabem ao narrador, dependem de outro conceito defendido por Ricoeur, relativo à “intriga” e à maneira como esse narrador lida com ela.

Para o pesquisador, a “intriga” seria tudo aquilo que incomoda cada indivíduo dentro do meio social no qual ele está inserido, o deixando em uma posição de desconforto. Podendo existir, em uma mesma narrativa, várias personagens distribuídas em vários espaços geográficos, se conclui pela possibilidade de haver, em um mesmo texto, várias e distintas “intrigas”, sendo que a narrativa poética constituir-se-ia como a arte de compor e inter-relacionar “intrigas”. Ao mesmo tempo, a narrativa permitiria o reconhecimento e a compreensão da ação vital do ser humano. Tal arte, ainda segundo Ricoeur, permitiria a compreensão, acima de tudo, do próprio tempo.

1.2 O tempo na narrativa **Antes de nascer o mundo**

A dificuldade humana em se relacionar com o tempo é um dos assuntos centrais da obra **Antes de nascer o mundo**, do escritor moçambicano Mia Couto. Por isso, nos pareceu pertinente analisar esse livro considerando os estudos teóricos de Paul Ricoeur sobre o tempo.

A narrativa de Mia Couto recria o cenário moçambicano em um período turbulento para o país, que enfrenta uma guerra civil que muito prejudica os seus nativos. O enredo gira em torno de uma família moçambicana típica e tradicional, formada pelo casal Mateus Ventura e Dordalma, e seus dois filhos, sendo o mais velho o menino Olindo e o mais novo, o pequeno Mwanito. O clã parecia viver bem em uma cidade comum, supostamente a capital Maputo.

No entanto, essa família, de uma forma inesperada, vê sua base moral e social se despedaçar com o suicídio de Dordalma, logo no início da obra **Antes de nascer o mundo**. Tal ato abala consideravelmente seu marido que, após essa perda, atrelada a outros fatores que são revelados ao leitor no decorrer da obra **Antes de nascer o mundo**, resolve romper todo e qualquer tipo de laço com o mundo exterior, de forma arbitrária e violenta.

Para tanto, Mateus Ventura resolve isolar a si próprio e a sua família do mundo real, em um espaço geográfico novo, onde pudesse criar, ou achar que criou, uma nova realidade para ele e para os filhos, sendo ela compatível com seus novos pensamentos. A esse novo espaço, o patriarca dá o nome de Jesusalém. No contexto narrativo, Ventura recebe a ajuda de duas outras personagens masculinas, o ex-militar Ernestino Sobra e um parente distante, chamado Orlando Macara.

Após instalar-se em Jesusalém, juntamente com seus subordinados, Mateus Ventura promove o ritual de “desbatizamento” das personagens, estando ele relacionado ao fator identitário. Para fazê-lo, o patriarca reúne os outros quatro membros de Jesusalém para anunciar-lhes os nomes que eles iriam receber a partir de então:

A mudança dos nomes não foi uma decisão de implementação ligeira. Silvestre preparou um ritual com pompa e circunstância. Assim que o sol poentou, Zacaria começou a tocar um tambor e a apregoar, aos berros, uma incompreensível ladainha. (COUTO, 2010, p. 37).

Dessa forma, o chefe do clã renomeia aqueles que o acompanham, com exceção do pequeno Mwanito que, por ser muito novo, não guardava na memória registros do passado até então experimentado:

E fomos convocados um por um. E foi assim: Orlando Macara (nosso querido Tio Madrinho) passou a Tio Aproximado. O meu irmão mais velho, Olindo Ventura, transitou para Ntunzi. O ajudante Ernestinho Sobra foi renomeado como Zacaria Kalash. E Mateus Ventura, meu atribulado progenitor, se converteu em Silvestre Vitalício. Só eu guardei o mesmo nome: Mwanito. (COUTO, 2010, p. 38).

Ao escrever a narrativa **Antes de nascer o mundo**, nos parece que Mia Couto trabalha o tempo sob diversas perspectivas. Tais formas de perceber o tempo nos parecem estar elucidadas pela perspectiva subjetiva da personagem Mwanito, uma vez que ela é, também, a narradora da obra.

Ao selecionar um narrador em primeira pessoa, no caso a personagem Mwanito, parece-nos que Mia Couto intenta definir uma experiência temporal a partir da ordenação narrativa da memória individual do jovem. O entrelaçar da trajetória das personagens Mwanito, Silvestre Vitalício, Ntunzi e Marta nos parece engendrar uma “conexão significativa” (RICOEUR, 1994, p. 63) entre a função narrativa e a experiência humana de tempo, formando o círculo hermenêutico de significações proposto por Ricoeur, por meio do qual o narrador-personagem Mwanito vai enveredar no processo de busca identitária no qual se envolve.

Isso poderia se justificar pela premissa de que cada personagem da obra de Mia Couto estabelece para si mesma uma forma diferente de lidar com o tempo, de acordo com a sua necessidade particular: Silvestre Vitalício parece escolher parar o tempo; Ntunzi, aparentemente, para fugir da estagnação temporal imposta pelo pai em Jerusalém, vive o tempo em uma perspectiva sideral; a personagem Marta, a nosso ver, elege o futuro como espaço de compreensão do presente; e finalmente Mwanito, o narrador, elabora o tempo pela memória. Nesse processo a narrativa

encena várias formas de tempo. Porém, todas elas se entrelaçam de modo proposital, uma vez que a sua percepção decorre de um mesmo olhar que sobre elas se debruça: o do narrador-personagem Mwanito, que entrelaça os tempos com o intuito de (re) constituir a sua história e a sua identidade. Ele é a única personagem da obra de Mia Couto a construir a sua memória através da memória dos outros.

Ao contar no presente suas lembranças do passado que viveu na cidade de Jerusalém, Mwanito parece cruzar vários tempos, estando esses atrelados a um mesmo “evento”: o ato de escrever sua história de vida, que realiza com o objetivo de compreender-se a si mesmo e, por meio deste exercício de memória, recuperar sua identidade. Dispostos na narrativa memorialista de Mwanito, cada tempo cruzado gera uma “intriga” que leva a outra, demarcando um círculo de sofrimentos e angústias no qual as personagens transitam. Tais conexões significativas nos parecem estabelecer, dentro da narrativa **Antes de nascer o mundo**, o tempo poético.

Para lidar com as lembranças do sofrimento vivido no passado em seu presente atual, Mwanito precisa entendê-las. Para tanto, ele recorre à escrita narrativa como forma de torná-las exteriores a ele mesmo. Para contar suas lembranças, o jovem precisa resgatar as temporalidades que se fazem presentes em Jerusalém, as anteriores à cidade mítica criada pelo pai e, inclusive, as temporalidades posteriores a ela, vividas na cidade de Maputo após a saída da família de Jerusalém. Ao fazê-lo, Mwanito analisa cada uma das personagens que transitam pela obra. Ele focaliza o irmão Ntunzi e o pai Silvestre Vitalício buscando entender suas atitudes para justificar a postura por eles adotada dentro de Jerusalém e fora dela. Mas também debruça seu olhar reflexivo sobre a portuguesa Marta, entendendo-a como a grande responsável pelo término do exílio do grupo na agora remota Jerusalém e, conseqüentemente, pelo seu retorno à civilização.

Assim, analisar o tempo na obra **Antes de nascer o mundo** implicará perceber a sua relação com a questão identitária que envolve a personagem Mwanito. Dessa forma, a análise pretende observar as personagens centrais da obra individualmente, procurando flagrar e evidenciar a maneira como cada uma delas se relaciona com o tempo. Essa perspectiva, naturalmente, acompanha o olhar do

narrador-personagem Mwanito, uma vez que ele, ao contar sua história, parece sempre buscar compreender o tempo.

1.2.1 Mwanito e Ntunzi: o tempo do ser

Os primeiros anos na vida de uma criança são fundamentais para a sua constituição moral e social. Tais fatores são determinantes para a formação do ser adulto que ela será no futuro. Cabe à família, um dos pilares de qualquer sociedade, orientar esse principiante garantindo o sucesso de seu caminhar rumo a sua própria história.

No que concerne à personagem Mwanito, toda e qualquer esperança de ter na própria família uma base sólida que lhe pudesse garantir um futuro promissor parece ter terminado quando ele contava com apenas três anos de vida. Nessa faixa etária, Mwanito fora surpreendido pelo “evento” que assolou sua família, atraíndo seu pai e fazendo com que Vitalício optasse pelo sacrifício familiar em prol de uma possível salvação dos males com os quais ele se depara ao estar inserido no meio social comum.

Ao contar a sua história, logo no início de seus relatos, Mwanito elucida ao leitor o que parece ter sido a principal ausência que atravessou sua infância, sendo ela referente ao gênero feminino:

A primeira vez que vi uma mulher tinha onze anos e me surpreendi subitamente tão desarmado que desabei em lágrimas. Eu vivia num ermo habitado apenas por cinco homens. Meu pai dera um nome ao lugarejo. Simplesmente chamado assim: “Jesusalém”. Aquela era a terra onde Jesus deveria de ser descrucificado. E pronto, final. (COUTO, 2010, p. 11).

De acordo com os estudos de Alexis Kagame (1975), o ato de nascer para o povo moçambicano, por si só não propicia ao indivíduo a condição de existente, mas sim, a de ser. Esta última se relaciona à condição vital ativa apenas, ou seja, ao indivíduo enquanto essência e entidade, cuja noção o espírito possui independente de seu existir.

Já a condição de existente, ainda segundo o pesquisador, fundamenta para o indivíduo um posicionamento ativo ante os acontecimentos da vida, sendo esse posicionamento responsável por suas ações e escolhas. Ao contrário do ser, o existente necessita de ter um passado – o que vem antes – para ter um futuro – o que vem depois. Assim, ao nos voltarmos para a obra **Antes de nascer o mundo**, podemos identificar nas personagens Mwanito e Ntunzi, que aqui serão trabalhadas, tais condições.

A partir do instante em que Vitalício isola a si e aos próprios filhos da convivência social, ele parece estipular, para os meninos, a condição de ser, ou seja, faz com que eles deixem de cumprir o ciclo natural da vida, suspendendo-os do seu próprio existir. Já no início de seus relatos, Mwanito demonstra para o leitor ter consciência dessa condição imposta pelo pai assim que chegaram ao local do exílio: “em Jesusalém, não havia senão vivos. Desconhecedores do que fosse saudade, ou esperança, mas gente vivente.” (COUTO, 2010, p. 11).

Além de estar submetido, assim como os outros moradores de Jesusalém, aos devaneios de Silvestre Vitalício, Mwanito fora, pelo pai, designado a cumprir a função de “afinador de silêncios”. Não por acaso, é justamente dessa forma que o próprio menino se auto define no primeiro capítulo da narrativa: “Uns nasceram para cantar, outros para dançar, outros nasceram simplesmente para serem outros. Eu nasci para estar calado. Minha única vocação é o silêncio.” (COUTO, 2010, p. 13).

Tal condição de “afinador de silêncios”, juntamente com as intrigas oriundas da perda da mãe, parecem colocar Mwanito em uma condição traumática, comprometendo sua infância, como ele próprio parece afirmar na passagem narrativa transcrita acima. Sendo o silêncio uma das necessidades de Silvestre Vitalício dentro da cidade, a mediação desse é realizada, pela vontade do próprio patriarca, pelo filho caçula, por ter o pequeno, de acordo com os pensamentos de Silvestre, vocação para tal atividade: “Minha única vocação é o silêncio. Foi meu pai que me explicou: tenho vocação para não falar, um talento para apurar silêncios.” (COUTO, 2010, p. 13).

Sendo o silêncio o estado de quem se cala, a função de silenciador parece contribuir para a permanência de Mwanito na categoria “ser”. Essa, então, poderia ser indicada como a “intriga” dessa personagem, oriunda da morte de Dordalma. A

inocência comum infantil e a leveza da personalidade do pequeno, salientada logo no início de sua vida, parecem ter feito Silvestre Vitalício enxergar em Mwanito uma espécie de compaixão que lhe faltaram na ocasião da perda da esposa Dordalma.

Enquanto o mundo real parecia ter caído sobre a cabeça do patriarca, fora Mwanito que, com apenas três anos de vida, lhe proporcionara, com um simples gesto de carinho, a incrível sensação de aconchego que lhe faltava naquele momento de dor, como o próprio filho explica na narrativa:

No funeral da nossa mãe, Silvestre não sabia estrear a viuvez e se afastou para um recanto para se derramar em pranto. Foi então que me acerquei de meu pai e ele se ajoelhou para enfrentar a pequenez de meus três anos. Ergui os braços e, em vez de lhe limpar o rosto, coloquei as minhas pequenas mãos sobre os seus ouvidos. Como se quisesse convertê-lo em ilha e o alonjasse de tudo que tivesse voz. (COUTO, 2010, p. 16).

Em uma reflexão lógica possível, sendo submetida a tal condição, a conclusão mais óbvia nesse caso seria entender a personagem Mwanito como sendo um sujeito alienado, cuja alienação resultaria da não convivência social comum, bem como do tratamento e da função exercida por ele em Jesusalém. Lidar com essa “intriga”, de maneira lógica, não parece ser uma tarefa fácil para uma criança. Contudo, ao prosseguirmos a leitura da obra **Antes de nascer o mundo**, é possível perceber que, de maneira incomum, Mwanito subverte a condição de silêncio, transformando-a em travessia para uma vida saudável e feliz, sendo o seu posicionamento firme, enquanto narrador da obra, uma provável indicação dessa análise.

Narrando o período em que vivera em Jesusalém com sua família, enquanto ainda era morador da cidade, Mwanito demonstra uma certa maturidade já naquela fase de sua vida. De todos aqueles que viviam em Jesusalém, ele era o único a conseguir analisar não só a condição subjetiva de todos que o cercavam, em especial a do pai Silvestre Vitalício, como também a perceber neste uma bondade quase imperceptível aos olhos dos demais que o acompanhavam.

O tratamento diferenciado dado a Mwanito por parte de Silvestre Vitalício, de maneira próxima e afetuosa, não se repetia com Ntunzi, sendo ele, na maior parte da narrativa, tratado de forma indiferente pelo pai – essa seria, inclusive, uma das

“intrigas” enfrentadas pelo filho mais velho dentro da obra. Mesmo estando ciente do incômodo sentido pelo filho Ntunzi por estar submetido a essa condição, Vitalício o aparta da relação entre si e Mwanito, o que faz com que o filho mais novo se sinta culpado, por saber ser, ele próprio, o filho preferido do pai:

Ao longe, se entrevia, na janela da casa anexa, uma bruxuleante lamparina. Por certo, meu irmão nos espreitava. Uma culpa me raspava o peito: eu era o escolhido, o único a partilhar proximidades com o nosso eterno progenitor. (COUTO, 2010, p. 14).

Embora seja essa uma situação delicada entre os irmãos Mwanito e Ntunzi, na narrativa de Mia Couto os dois parecem compartilhar uma relação saudável e bem definida. De forma amigável e compreensiva, eles parecem partilhar as mazelas que têm de enfrentar em Jerusalém, o que faz com que o caçula se sinta um pedaço do irmão. Por ter desembarcado na cidade com apenas três anos de idade, Mwanito não guardava na memória registros suficientes para orientá-lo ao longo da infância, sendo por meio do irmão mais velho que o pequeno consegue alimentar esperanças de viver uma experiência de vida saudável, através das histórias que Ntunzi lhe contava.

Fora Ntunzi também que sempre alertara Mwanito sobre as não verdades que o pai lhe contava, inclusive no que se referia à sua suposta vocação para afinar silêncios. Para Ntunzi, na realidade, a intenção de Silvestre em manter Mwanito calado era evitar que esse lhe trouxesse lembranças de Dordalma. Outra inverdade pregada pelo pai que Ntunzi questiona com Mwanito se refere à extinção do mundo social que o velho promulgara: “Pois fique sabendo: nós não saímos do mundo, fomos expatriados como um espinho que é expulso pelo corpo.” (COUTO, 2010, p. 26).

Reconhecer que o pai Silvestre Vitalício mentira para ele e para o irmão quanto a não existência de um mundo além dos limites de Jerusalém parecia ser, para Mwanito, algo doloroso, difícil de aceitar: “Doeram-me as palavras dele como se a vida estivesse espetada no meu corpo e, para crescer, eu tivesse que desencravar essa farpa.” (COUTO, 2010, p. 26).

Cientes da suspensão de suas próprias vidas, Ntunzi e Mwanito reagem quanto ao domínio do pai, na busca pelo retorno à condição de existentes. Assim, eles precisam encontrar um meio para fazer o tempo regular voltar a correr em Jesusalém. Além disso, eles sabem que também precisam estabelecer suas condições masculinas, e que esta só emergirá por meio do contato com o feminino.

Ainda segundo Alexis Kagame, o “existir” é uma condição natural que diferencia um indivíduo do outro por meio de movimentos existenciais produzidos durante sua trajetória. Assim, é por meio do “existir” que os dois irmãos produzem os seus destinos através de estratégias próprias a cada um, mas com o intuito comum de burlar o regime estabelecido pelo pai. Dessa forma, por meio da invenção de um “existir” próprio, os meninos intentam o retorno do tempo regular a Jesusalém.

Aqui chegamos à definição básica de tempo na cultura bantu como sendo parte do movimento existencial, qualquer que seja o aspecto sob o qual esse seja considerado. O entrecruzamento das temporalidades pelos irmãos, atrelado à tentativa de suspensão do tempo regular por parte de Vitalício e do retorno do passado encenado pela chegada da portuguesa Marta a Jesusalém, parece encenar o tempo poético na obra **Antes de nascer o mundo**.

Mesmo com medo, Mwanito ensaia com Ntunzi uma tentativa de fugir de Jesusalém por meio do único rio que cortava a cidade, sendo que só compreendera a significação desse elemento natural graças ao irmão.

- Agora, porém, não será que o meu irmãozinho quer ver o outro lado?
- Que outro lado?
- O outro lado, você sabe, o mundo do Lado-de-Lá!
Espreitei as redondezas antes de responder: Temia que meu pai nos vigiasse. Espreitei o todo da colina, as traseiras do casario. Receava que Zacaria estivesse passando. (COUTO, 2010, p. 26).

Tal prática, embora em um primeiro momento lhe causasse temor, permitiu a Mwanito passar por uma experiência benéfica de transição dentro da narrativa **Antes de nascer o mundo** a qual o tornou crédulo quanto à existência de um mundo saudável fora dos limites de Jesusalém: “Custou-me que nunca tivesse ocorrido: o rio era uma estrada aberta, um sulco rasgado sem interdição. Estava ali a saída e nós não fomos capazes de a ver.” (COUTO, 2010, p. 26).

De fato, na literatura em geral, conforme salienta Hans Meyerhoff (1976), a qualidade de fluxo contínuo representado pelo fluxo comum das águas remete a uma conotação qualitativa explícita de fluxo do tempo regular, sendo esta indicativa de um percurso único que sai de uma fonte conhecida com foz esperada, conforme determina seu percurso geográfico:

A continuidade do “rio” do tempo corresponde, assim, à continuidade do “fluxo” de consciência dentro do eu. Em outras palavras, o mesmo símbolo, “rio-fluxo”, expressa a mesma unidade de interpretação dentro do tempo e do eu. (MEYERHOFF, 1976, p. 34 – destaques do autor).

Até o mergulho no rio com o irmão, Mwanito parecia não se desenvolver na narrativa como uma criança comum, sua vida estava estagnada como uma represa. A partir do momento em que ele se entrega àquelas águas correntes, Mwanito parece começar a se desenvolver de verdade, iniciando a sua vida. Inclusive ele parece subverter a sua sina de ser “afinador de silêncios”, que até então o mantinha alheio ao seu próprio existir. Ao lembrar o rio, Mwanito passa a exercitar a sua imaginação, o que lhe permite, em um primeiro momento, preencher os espaços vazios de sua memória:

E ficava tempos infinitos, olhos deslumbrados, visitando o outro lado do mundo. Meu pai nunca soube mas foi ali, mais do que em outro lugar qualquer, que apurei a arte de afinar silêncios. (COUTO, 2010, p. 28).

Fantasiar pessoas, lugares, situações de convivência em meio ao silêncio que afinava, nos parecem ser atitudes benéficas para a personagem Mwanito. Inclusive, dentro desse silêncio ele parece conseguir observar e interpretar as atitudes dos outros membros da sociedade de Jerusalém. Começando pelo próprio pai, Silvestre Vitalício, que, embora lhe tivesse privado de sua própria infância, é descrito por Mwanito se confundindo consigo: “Conheci meu pai antes de mim mesmo, sou assim um pouco dele.” (COUTO, 2010, p. 29). Tal conclusão da personagem nos parece ser não somente pertinente como também bastante sábia, afinal, após perder a mãe, o único ser adulto que acompanhava diretamente o seu crescimento era Vitalício. Dessa forma, nos primeiros anos de sua vida, é natural que Mwanito tenha se espelhado no pai ao definir sua personalidade.

Ao perceber a possibilidade de haver, do outro lado do rio, um mundo real do qual ele fora subtraído, Mwanito relata começar a se empenhar em encontrar uma forma de voltar a fazer parte dele. Dessa forma, o narrador nos parece que toma consciência de fato, da realidade a qual o norteava.

A mensuração temporal é algo comum e, até mesmo, necessário dentro de qualquer sociedade. A medição do tempo é calculada pelos indivíduos como modo de segurança social, já que, por meio do calendário e do relógio, acredita-se que o fluxo natural da vida seja garantido. O que Silvestre Vitalício não esperava é que, mesmo tentando parar o tempo regular, estipulando em Jesusalém um presente contínuo, ao tentar estagnar os meninos, ele despertaria nos filhos o desejo de se encontrarem individualmente, (re) estabelecendo uma identidade própria e esclarecendo o passado que lhes era negado.

Para tanto, Mwanito se junta ao irmão Ntunzi, que se oferece para alfabetizá-lo. Mesmo demonstrando sentir medo de o pai descobrir tal novidade, Mwanito aceita os ensinamentos de Ntunzi. Essa nos parece ser a primeira medida tomada pelo menino como forma de reagir ao domínio do pai.

Não tardou que começassem as clandestinas lições da escrita. Um pequeno graveto rabiscava na areia do quintal e eu, deslumbrado, sentia que o mundo renascia como a savana depois das chuvas. Aos poucos, eu entendia as interdições de Silvestre: a escrita era uma ponte entre os tempos passados e futuros, tempos que, em mim, nunca chegaram a existir. (COUTO, 2010, p. 42).

Ao ser alfabetizado pelo mano, escondido do pai, Mwanito parece estabelecer, por meio do ato de escrever, uma espécie de ponte que liga o presente ao passado e ao futuro, como ele mesmo afirma na obra **Antes de nascer o mundo**. Dessa forma, a escrita passa a ser, para essa personagem, a sua forma de mensurar o tempo regular dentro da cidade de Jesusalém. Posteriormente, a escrita será a sua forma de tentar compreender o que vivera com a família nessa cidade.

Ao aprender a ler e a escrever, o mundo real parece começar a nascer para Mwanito. A ausência que atravessava a sua infância em meio à savana africana, sendo ela referente ao gênero feminino, parece começar a ser preenchida pelo menino. Isso porque, ao se empenhar em aprender a arte da escrita, Mwanito

recebe de volta, da própria vida, sua mãe Dordalma. Por meio de sonhos ela lhe aparece para lhe ajudar em seu aprendizado, e quanto mais ele aprendia, mais Dordalma ganhava formas físicas e pessoais:

Nunca disse a Ntunzi, mas tinha, na altura, a impressão de que não aprendia com ele. A minha verdadeira professora era Dordalma. Quanto mais decifrava as palavras, minha mãe, nos sonhos, ganhava voz e corpo. (COUTO, 2010, p. 42).

Posteriormente, o próprio Mwanito reconhece em seus relatos que o banho no rio lhe permitira enxergar o mundo de outra forma, diferente daquela que lhe fora enunciada pelo pai. Já a escrita lhe devolvera o rosto de sua mãe que ficara perdido em seu passado, já que, por meio dela, ele podia recriar a mãe que outrora perdera: “O rio me fazia ver o outro lado do mundo. A escrita me devolvia o rosto perdido de minha mãe.” (COUTO, 2010, p. 42).

Já Ntunzi, antes mesmo de Mwanito, também encontra uma maneira de registrar o tempo regular. Para tanto, segundo os relatos do irmão, ele resolve desenhar, na parede do refeitório existente nas ruínas de Jerusalém, uma estrelinha equivalente a cada dia decorrido na localidade: “A parede escura estava povoada de milhares de estrelinhas que Ntunzi diariamente rabiscava, como obra de prisioneiro, na parede do cárcere.” (COUTO, 2010, p. 66).

A estratégia de mensuração do tempo selecionada por Ntunzi parece remeter-se ao tempo sideral, citado também por Hans Meyerhoff. O estudioso salienta, em seus estudos, a necessidade humana de medir a passagem do tempo, que faz com que o ser humano recorra, geralmente, aos elementos naturais. Tal seleção se justificaria, de acordo com as afirmações desse estudioso, pela pressuposição do princípio de causalidade entre dois eventos distintos. A causalidade é um princípio básico da natureza que possibilita a distinção de um ordenamento objetivo e subjetivo de sequências temporais no mundo, estabelecendo entre dois eventos uma relação comparativa lógica, onde um antecede ou sobrepõe o outro, criando, a partir daí, uma noção de passado, presente e futuro.

O jovem Ntunzi parece saber que, se continuar a morar de maneira isolada com o pai e o irmão na cidade imaginária e forjada por Vitalício, seu futuro será tão

cruel quanto o seu presente está sendo. Essa nos parece ser a principal “intriga” enfrentada pela personagem Ntunzi na obra **Antes de nascer o mundo**, além da rejeição, por ele sofrida, por parte do pai. Assim como Mwanito, ele também sofrera as consequências oriundas do “evento” relativo à morte da mãe, Dordalma.

Ao escolher o desenho das estrelas para representar os dias passados em Jesusalém, Ntunzi parece manifestar um sentimento positivo acerca do tempo regular, tornando-o visualmente real, bem como ao tempo futuro que o espera fora dali. Tal ato, segundo as análises feitas por Mwanito, parece ajudar o jovem a se localizar no mundo enquanto existente, alimentando as suas esperanças de voltar um dia para a cidade onde ele nasceria.

O narrador, na passagem do texto de Mia Couto transcrita anteriormente, compara o irmão a um prisioneiro que cataloga na parede de sua cela os dias que passa dentro do cárcere, pois assim está ciente de que, quanto mais o tempo regular passar, mais próximo da liberdade ele estará. E é isso mesmo que parece ocorrer com Ntunzi, que demonstra procurar, em seu ato de desenhar estrelinhas na parede em ruínas, a esperança de um dia sair de Jesusalém.

Mwanito, por meio de seus relatos, demonstra compreender, além das atitudes do pai Silvestre Vitalício, a angustiante necessidade de Ntunzi de fugir de Jesusalém, afinal, ao contrário dele mesmo, Ntunzi vivera na cidade e guardara dela importantes lembranças: “Meu irmão Ntunzi vivia num sonho: escapar de Jesusalém. Ele conhecera o mundo, vivera na cidade, lembrava-se de nossa mãe.” (COUTO, 2010, p. 53).

Ntunzi compartilhava com Mwanito as lembranças que guardara na memória do passado que tivera na cidade. Por meio de encenações teatrais e diálogos nas madrugadas, Ntunzi tentava reproduzir, para o irmão, o que seria o mundo do qual eles foram apartados:

Veze sem conta lhe pedia que me desse notícias desse universo que eu desconhecia e, de cada vez, ele se demorava em detalhes, cores e iluminações. Os seus olhos brilhavam, crescidos em sonhos. Ntunzi era o meu cinema. (COUTO, 2010, p. 53).

Esse fator benéfico da relação entre Mwanito e Ntunzi nos parece ser rico para os dois na narrativa, pois o caminhar dos irmãos parece se fortalecer em meio às situações conflitantes vividas em Jesusalém. O próprio Mwanito demonstra reconhecer a importância do irmão em sua vida quando esse se desespera com a possibilidade de ficar sem Ntunzi. Ao tentar, mais uma vez, fugir de Jesusalém, o irmão mais velho se depara com a súplica de Mwanito para que fique, chegando o caçula a reconhecer que ele era um pedaço seu:

Não estava apenas assistindo à partida do meu único companheiro de infância. Era parte de mim que se apartava. Para ele era a festa de todos os princípios. Para mim, era um desnascimento. (COUTO, 2010, p. 53).

Outra convivência positiva, ainda que escassa, para as personagens Mwanito e Ntunzi, é a compartilhada com o Tio Aproximado. De acordo com a escrita do narrador, além de alimentar a imaginação dele e a do irmão, Aproximado também lhes falava sobre Dordalma: “E aproximado escorria e discorria. Dordalma, que Deus a guarde as suas almas, era a mais bela das mulheres.” (COUTO, 2010, p. 73).

O tio também tenta convencer os meninos de que Silvestre Vitalício era um homem bom. Apesar do que fazia com os filhos, para Aproximado, a intenção de Vitalício era proteger os dois: “Em toda a sua vida, teve um único desempenho: ser pai. E todo o bom pai enfrenta a mesma tentação: guardar para si os filhos, fora do mundo, longe do tempo”. (COUTO, 2010, p. 75). Além do que já foi citado, Tio Aproximado sempre demonstrou, de acordo com os relatos de Mwanito, não concordar com a atitude de Silvestre Vitalício de isolar os filhos.

Já no que concerne à influência de Zacaria Kalash para com os meninos, Mwanito parece relatá-la de uma forma menos otimista, se comparada à do Tio Aproximado. Ao terem a oportunidade de desfrutar um pouco mais da companhia de Kalash, por vontade de Silvestre Vitalício, Mwanito e Ntunzi tentam convencer o ex-militar a contar-lhes sobre o passado. Ao contrário de Tio Aproximado, ele não quis dizer nada devido à fidelidade que mantinha para com o pai dos meninos. Em contrapartida, Mwanito, por meio dessa proximidade, consegue comprovar a teoria que lhe fora dita por Tio Aproximado, de que Kalash não guardara na memória

lembranças de guerra por ter, enquanto militar, sempre lutado do lado errado nos combates que enfrentara.

Além dessa comprovação, Mwanito percebe, durante o tempo que passara com Zacaria Kalash, que ele sofria de vários traumas, e assim como seu pai Silvestre Vitalício, parecia variar por causa deles:

Zacaria Kalash não se recordava da guerra. Mas a guerra lembrava-se dele. E martirizava-o com a reedição de velhos traumas. Quando trovejava ele saía para o descampado, tresloucado, aos berros. (COUTO, 2010, p. 88).

De acordo com as reflexões de Mwanito, essa suposta amnésia do ex-militar era uma tentativa dele de apagar um passado sofrido, sendo essa mais uma característica que compartilhava com Silvestre Vitalício. Esse contato entre Kalash e os meninos possibilitou a Mwanito concluir que, “quanto mais inabitável, mais o mundo fica povoado.” (COUTO, 2010, p. 93).

1.2.2 Silvestre Vitalício: o não-tempo do existir

Ao nascer, uma pessoa, independente da sua vontade, é inserida em um meio social no qual terá que se adaptar, para poder viver nele. Mesmo tendo, geralmente, uma família ou um determinado grupo social que lhe apoie e oriente em seus primeiros anos de vida, lhe educando, alimentando e dando-lhe suporte para se desenvolver, até chegar à condição adulta, muitos são os desafios que uma pessoa tem que enfrentar. Embora algumas pessoas ainda possam contar com o apoio familiar ao longo do percurso existencial, torna-se desconfortável e conflitante para o homem viver em meio ao imprevisível.

Mas, o que fazer quando a realidade dos fatos que nos é ofertada pelo destino em um determinado momento da vida se torna, para nós, inaceitável? Como reagir em meio a uma sociedade que contribuiu para a devastação estrutural e moral da nossa família? O que fazer quando os valores absorvidos, cultivados e

administrados durante toda a vida caem por terra, não mais contribuindo para a sustentabilidade e dignidade humana?

Sem valores ou crenças com as quais se identifique, respeite e oriente, formando sua identidade, o indivíduo se torna oco, o que compromete relativamente a sua relação com o mundo exterior, geralmente provocando uma revolta contra ele.

Na obra **Antes de nascer o mundo**, nos parece que o narrador Mwanito, dentre todos os outros moradores de Jerusalém, é o único a tentar compreender a personagem Silvestre Vitalício, mesmo tendo consciência de que fora ele o responsável pelo exílio do grupo. Para tanto, o jovem parece buscar uma forma de analisar e compreender o comportamento do pai.

Mesmo após presenciar Vitalício espancar seu irmão mais velho, como forma de penalizar Ntunzi por ter ele tentado, mais uma vez, fugir de Jerusalém, Mwanito relata, em seus registros, ter observado no pai, nessa ocasião, uma certa preocupação com o estado de saúde do filho rebelde. Vendo-o prostrado em sua cama, Vitalício tenta estimular Ntunzi a reagir quanto a essa situação difícil, dando-lhe autorização para que ele inventasse uma história, coisa que, até então, proibia terminantemente em Jerusalém. Mesmo tendo o consentimento do pai, Ntunzi se recusa a inventar histórias, alegando não ter forças para isso, bem como não haver ninguém para ouvi-las. Quando o pai exclama ao filho doente estar disposto a ouvi-las, o enfermo lhe responde: “o pai já fora um bom contador de histórias. Agora é uma história mal contada.” (COUTO, 2010, p. 66).

Constrangido com a afirmativa de Ntunzi, Silvestre Vitalício esboça, de acordo com os escritos de Mwanito, certo pesar por ter consciência de que havia verdade na conclusão do filho:

Engoli em seco. A voz de Ntunzi, apesar de sumida, era firme. E tinha, sobretudo, a tranquilidade do fim das coisas. Meu pai não reagiu. Cabisbaixo, se afundou como se também ele tivesse abdicado. Um de nós estaria morrendo e seria culpa sua. (COUTO, 2010, p. 66).

Mwanito parece tentar interpretar os fatos ocorridos com o patriarca no passado para justificar seu comportamento durante o período no qual o clã vivera

em Jerusalém, bem como o período em que viveram na cidade, pouco antes do óbito de Dordalma.

Se para Paul Ricoeur (1994) um “evento” gera “intrigas”, tais conceitos parecem estar em evidência na obra **Antes de nascer o mundo** na personagem Silvestre Vitalício. Ao ficar viúvo de uma mulher que se suicidara, ele troca de personalidade na tentativa de apagar o passado, o que, na realidade, obviamente não é possível. Além disso, toma medidas questionáveis acerca do destino do restante de sua família. Resolve se isolar, juntamente com os dois filhos, em um espaço geográfico limitado e abandonado no interior de Moçambique. Anteriormente a essa tragédia familiar, o patriarca era um homem feliz e realizado, bem resolvido quanto aos seus valores e dogmas, como bem afirma seu filho Mwanito em uma das passagens do texto: “Durante anos, meu pai foi uma alma doce, seus braços davam a volta à Terra e neles moravam os mais antigos sossegos.” (COUTO, 2010, p. 29).

Até os acontecimentos que culminaram na morte de Dordalma, Vitalício e os filhos viviam em um meio urbano de Moçambique, sob a exposição do tempo regular. Após o falecimento de Dordalma, Vitalício se revolta com o mundo, seguindo com os filhos para um acampamento militar abandonado. Além disso, ele tenta suspender o tempo regular na tentativa de apagar o passado, juntamente com suas verdades. No entanto, não consegue se desviar dele, mesmo vivendo em Jerusalém.

Ao relatar no presente o passado que vivera em Jerusalém, Mwanito descreve um aspecto físico dos seres que habitavam Jerusalém que nos parece pertinente para essa análise. Das cinco pessoas que se enclausuraram na cidade, sob o domínio de Silvestre Vitalício, três eram negras e as outras duas mulatas, conforme registra o narrador:

Essa humanidadezinha, unida como os cinco dedos, estava afinal dividida: meu pai, Tio e Zacaria tinham pele escura; eu e Ntunzi éramos igualmente negros, mas de pele mais clara. (COUTO, 2010, p. 13).

Certa vez, ao questionar o pai sobre essa diferença racial dele e do irmão Ntunzi com os demais membros de Jerusalém, Mwanito lhe indaga se eles são de outra raça, por serem mulatos. Vitalício então lhe responde: “Ninguém é de uma

raça. As raças – disse ele – são fardas que vestimos”. (COUTO, 2010, p. 13). Aqui nos parece que o chefe do clã demonstra uma certa resistência contra as práticas racistas, que segregam as pessoas em função da cor da pele.

Tal posicionamento antirracista da personagem Silvestre Vitalício nos parece poder ser justificado pelo processo de colonização vivido em Moçambique por meio da presença dos portugueses no país. Os primeiros contatos entre os povos africanos com homens brancos se deram por meio da colonização portuguesa, em meados do século XVI. Os portugueses invadiram o continente africano em busca de mão-de-obra escrava, que pudesse sustentar o regime escravista europeu que predominava na época.

Assim como Angola e Cabo Verde, Moçambique, nesse período histórico da África, era um dos espaços onde os brancos portugueses implantaram a atividade agrária, por meio das lavouras de café e cacau, sendo os nativos desses espaços os trabalhadores escravos que mantinham essa economia. “Naquele arquipélago se situara, aliás, o polo de unificação dos métodos então utilizados pelo colonialismo português”. (ANDRADE, 1997, p. 26).

Nessas sociedades africanas, prevaleceu a cultura europeia irredutível no que se refere às relações sociais entre negros escravos e brancos opressores. Esses últimos intencionavam o crescimento financeiro por meio das lavouras de café e cacau. Para tanto, era necessário estabelecer o total e absoluto domínio sob os nativos escravos. Dessa forma, os portugueses estabeleceram a superioridade racial branca “correspondendo o binómio branco/negro à ação de comando, obediência” e, como seu corolário, ficou estabelecido o “paternalismo tutelar”, (ANDRADE, 1997, p. 26).

Essa forma de domínio, bem como essa visão do colonizador europeu, prevaleceu posteriormente dentre as leis africanas trabalhistas, bem como na representação ideal do colonizado. Ou seja, o que foi iniciado no período monárquico português nas colônias africanas se perpetuou na primeira República, sendo mantido no Estado Novo sem grandes mudanças.

Durante essas fases históricas, o poder dominante estabeleceu formas de interpretação quanto à qualidade da mão-de obra utilizada em África: “Portugal foi pautando a utilização dos seus próprios recursos humanos e a consequente posição

monopolizadora nas colônias ao ritmo dos seus atos de evangelizar, assegurar a administração civil e pacificar o indígena rebelde”. (ANDRADE, 1997, p.34). Para tanto, Portugal lançou mão da concorrência entre mão-de-obra negra e parda, sendo essa última “uma camada social intermediária e subalterna cuja mobilidade vertical obedecia a motivações adaptadas à conjuntura temporal e às exigências locais”. (ANDRADE, 1997, p.34). Tal fato iniciou uma série de conflitos entre indivíduos negros e mulatos nos espaços africanos, por significarem estes últimos os braços do sistema colonial português que oprimiu o povo negro africano nas antigas colônias.

Essa situação racial nas colônias africanas gerou consequências dentre os intelectuais desses períodos, que se manifestaram culturalmente em suas reflexões escritas, inclusive no âmbito religioso. De acordo com os estudos de Mário Pinto de Andrade (1997), até a década de 70 no século XIX, o conceito de raça não existia em África, até que as ideias defendidas pelo clérigo Edward Wilmot Blyden começaram a amadurecer dentro do cenário intelectual do continente, sobretudo no que se refere à identidade negra. Seus estudos tinham como principal base a “historicidade da raça negra e dos atributos que lhe seriam inerentes a projetar-se na construção de uma personalidade africana”. (ANDRADE, 1997, p.62).

Em seus estudos iniciais, Blyden abrangia o mulato como pertencente à raça negra, não havendo assim, portanto, uma espécie de pureza racial negra que estabelecesse a negação de outras misturas, como se essas fossem inferiores à primeira. No entanto, os constantes e violentos conflitos entre negros e mulatos na Nigéria, atrelados à situação delicada do Haiti, motivada também por questões raciais, levaram esse estudioso a se colocar na posição de anti-mulato. Tal atitude drástica por parte de Edward Wilmot Blyden fora reforçada pela situação social americana, onde mulatos desfrutavam de uma condição social superior à de cidadãos negros.

Ainda segundo os estudos de Mário Pinto de Andrade (1997), já ao término do século XIX, Edward Wilmot Blyden expressou categoricamente, por meio de um artigo intitulado “Africa and the Africans”, a sua posição acerca dos mulatos. Para ele, os mulatos não eram negros, e representavam um empecilho ao fortalecimento do que acreditava ser a raça negra. No entanto, somente décadas depois essa posição expressa pelo estudioso ganhou forças nos países africanos, por meio das guerras civis que o continente passou a enfrentar. Nesse contexto, o cidadão mulato

passou a ser um problema para o povo africano, como se representasse um peso que o negro tivesse que carregar, além do seu próprio fardo histórico.

Embora, posteriormente, vários estudiosos tenham se manifestado de forma contrária a essa teoria de Blyden, a negatividade por ele expressa quanto à influência dos mulatos para com os negros permaneceu arraigada nos ideais moçambicanos, levando boa parte da população de Moçambique a guardar, pelos mulatos, um conceito pejorativo.

Dessa forma, a aparente resistência da personagem Silvestre Vitalício às posturas racistas nos parece ser proveniente das diferenças raciais instaladas na cultura moçambicana a partir tanto do período colonial quanto das ideias de Edward Wilmot Blyden. Sobretudo pelo fato de que sua finada esposa, Dordalma, não ser negra, conforme confidenciara ao narrador da obra de Mia Couto, o Tio Aproximado: “- Vem de sua mãe, Dordalma, essa claridade da pele. Alminha era um bucadinho mulata - esclareceu o Tio.” (COUTO, 2010, p. 13).

O que parece amargurar a personagem Silvestre Vitalício não é apenas a tristeza pela morte de sua esposa, mas são também as circunstâncias que envolveram essa fatalidade, bem como as verdades sobre ela que são descobertas após sua morte, as quais ele também quer encobrir. Por ser sua esposa mulata, Silvestre Vitalício parece culpar Dordalma por sua própria morte, e isso não se deve ao fato dela ter cometido suicídio, apenas, mas também ao fato de ser, para ele, sua finada esposa, a responsável pelas circunstâncias terríveis que motivaram o seu autoextermínio.

Assim, ciente da sequência de fatos prováveis que ele e sua família poderiam sofrer se continuassem a viver numa cidade tão marcada por um modo de vida ainda preso à ideologia colonial, Silvestre Vitalício resolve levar a todos para morarem em um espaço “novo”, em um isolamento contínuo, rompendo com o tempo regular e histórico e se revoltando contra ele. A partir desse instante, nos parece que ele estabelece com a temporalidade regular uma relação negativa, insegura, por se sentir ameaçado pelo desenrolar natural do tempo, que projeta o passado colonial sobre o presente pós-independente, e impotente quanto ao que esse transcurso temporal pode trazer não somente para ele, mas também para os seus.

Sem ter quem o julgasse, e sem ouvir a seus filhos que ainda contavam com tão pouca idade, Vitalício resolve parar – ou achar que parou – o tempo regular, conforme nos dirá Mwanito em sua escrita: “Meu pai vazara o mundo para o poder encher com suas invenções”. (COUTO, 2010, p. 29). A reflexão do narrador Mwanito parece ilustrar a tentativa de seu pai em destruir, ainda que simbolicamente, o universo social e cultural de sua família e fundar o seu próprio mundo. Por meio de seu comportamento e de suas normas, ele busca tornar o tempo estático, na tentativa de inaugurar uma nova ordem temporal, a qual denominaremos como o tempo de Jerusalém.

Após instalar a família em Jerusalém, Silvestre Vitalício passa a se dedicar à criação dos filhos Ntunzi e Mwanito de acordo com suas intenções questionáveis. Além de destituir os meninos do convívio social e da formação regular em uma escola comum, ele também os isola do contato com o gênero feminino, como já foi citado nesse texto. Segundo Mwanito, Vitalício se preocupava em não demonstrar para os filhos os sentimentos típicos de um pai:

Diligencioso, Vitalício se ocupava em nos criar, com cuidados e esmeros. Mas evitando que o cuidado resvasse em ternura. Ele era homem. E nós estávamos na escola de ser homens. Os únicos e últimos homens. Recordo que ele me afastava, com firme delicadeza, quando eu o abraçava. (COUTO, 2010, p. 21).

Essa dedicação e o empenho de Silvestre Vitalício para com os meninos são entendidos por Mwanito como algo sem fundamento, pois, para ele, tanto esmero “só ganhava sentido se houvesse, em algum descortinado lugar, um tempo cheio de futuro”. (COUTO, 2010, p. 21). Aqui o menino parece manifestar, já no início da narrativa, a consciência particular que adquire sobre a impossibilidade de ter um futuro saudável devido à suspensão, feita pelo pai, do tempo regular.

As imposições sustentadas pela personagem Silvestre Vitalício com o intuito de controlar Jerusalém, sobretudo no que se refere ao tempo que ele impõe e deseja manter na cidade, não obedecem a nenhum limite lógico ou racional do que é permitido ou não dentro de uma sociedade.

Apesar de tanta arbitrariedade, Silvestre Vitalício parece enxergar em Mwanito um grande amigo, pois, em meio ao seu comportamento contestável, ele

demonstra sentir carinho e confiança no filho. Ao pequeno, Vitalício faz confissões que não fizera a nenhuma outra personagem dentro da narrativa **Antes de nascer o mundo**, inclusive em relação a seu temor quanto aos elementos naturais, como o vento, por exemplo. Silvestre sente pavor de ventanias, sendo que, quando essas ocorriam em Jesusalém, proibia a todos de saírem de casa e convocava o filho caçula para lhe fazer companhia:

Convocava-me para ficar a seu lado, e eu tentava, em vão, engordar silêncios. Nunca fui capaz de o sossegar. No rumor das folhagens, Silvestre escutava motores, comboios, cidades em movimento. Tudo o que tanto queria esquecer lhe era trazido pelo assobiar das rajadas entre os ramos. (COUTO, 2010, p. 30).

Ao ser questionado por Mwanito sobre a razão de tamanho receio quanto ao vento, Vitalício lhe responde: “Eu sou uma árvore” (COUTO, 2010, p. 30), e como árvore, era ele amedrontado pelo vento que sacudia suas folhagens, ameaçando arrancá-lo de seu solo, Jesusalém, conforme reflete Mwanito: “Árvore, sim, mas sem raízes naturais. Onde se ancorava, era um solo estranho, nesse flutuante país que inventara para si mesmo.” (COUTO, 2010, p. 30).

Não satisfeito em trocar apenas a sua própria identidade, Silvestre Vitalício também renomeia o filho Ntunzi e as outras personagens ligadas à família, com exceção do seu filho caçula Mwanito, como já foi mencionado nesse texto. Isso se deve ao fato de que, como o próprio narrador afirma, na ocasião, o menino era ainda muito pequeno e não guardava na memória lembranças do passado trágico da família, como o próprio Silvestre justificara: “- Este ainda está nascendo”. (COUTO, 2010, p. 38). Essa declaração por parte do pai, sobre a sua própria incompletude humana, faz com que Mwanito se sinta culpado pela morte de Dordalma:

Nessa noite fez luar e me custou a adormecer. As recentes palavras de meu pai sobre o meu incompleto nascimento ecoavam sobre mim. E me veio à mente que eu era culpado da minha própria orfandade. Minha mãe morrera não porque tivesse deixado de viver, mas porque havia separado o seu corpo do meu. (COUTO, 2010, p. 40).

Mas, contrariando as suas expectativas, Silvestre Vitalício não consegue se desgarrar das lembranças do passado, sobretudo no que concerne à morte da esposa. Como afirma o narrador Mwanito: “A verdade é que, no trono absoluto da sua solidão, meu pai se desconstrava com o juízo, fugido do mundo e dos outros, mas incapaz de escapar de si mesmo.” (COUTO, 2010, p. 47).

Para que sua prole pudesse germinar, obviamente, era necessário haver a presença fértil do gênero feminino humano, o qual Vitalício não levava em sua carripa. Ele tampouco aceitou a presença de qualquer mulher em Jesusalém. Salvo pela presença da jumenta Jezibela, não havia nenhum outro ser que se pudesse associar ao gênero feminino na cidade, tendo Silvestre Vitalício inserido esse animal no acampamento para poder satisfazer sua necessidade sexual. Dessa forma, podemos concluir que o patriarca nega aos filhos a sua condição sexual masculina, mas não abre mão da sua.

Após asfixiar o filhote “bastardo” que Jezibela tivera com uma zebra, o patriarca vai lavar as mãos sujas de sangue no rio. Mwanito, que observava o pai, analisa-o de forma fraternal. O menino parece considerar que Silvestre parecia estar sentindo remorso por ter cometido tamanha atrocidade:

Quando fechou a cova, Silvestre Vitalício desceu até às águas. Iria lavar as mãos, acreditei, seguindo-o à distância. Foi quando, de súbito, o vi tombar sobre os joelhos. Fraquejava, atingido por relampejo interior? Aproximei-me, com vontade de o ajudar, mas o receio do castigo me guardou das suas vistas. (COUTO, 2010, p. 108).

Ao ir ao encontro de Vitalício nas margens do rio, Mwanito não lhe questiona nada, apenas o observa. Ao perceber a presença do filho, de forma surpreendente, Vitalício confessa a ele ter cometido um crime, o de não ter dado um nome àquele rio, incumbindo o menino da missão de nomeá-lo. Por se sentir inseguro, Mwanito não se considera preparado para escolher o nome do rio que fora tão importante em seu processo de voltar à vida.

Silvestre, então, resolve, ele mesmo, batizá-lo de Rio Kokwana, que quer dizer Rio Avô. Tal denominação despertou em Mwanito uma sensação de espanto, pois, segundo ele, o pai “fraquejava face à interdição de evocar os antepassados”. (COUTO, 2010, p. 109). Pela primeira vez na vida, o jovem vira o pai evocando os

antepassados, e fora por meio do rio – o mesmo rio que começara a restituir o tempo regular a Mwanito – que ele o fizera.

2 O PASSADO E O FUTURO

2.1 Marta e o tempo futuro

A obra **Antes de nascer o mundo** é dividida em três livros, subdivididos, cada um deles, em capítulos. A personagem Marta é inserida no enredo da narrativa no livro dois, intitulado “A visita”, sendo ele de extrema importância para o enredo, por haver nesse capítulo a explicitação das contradições de Silvestre Vitalício, bem como a ruptura do universo particular por ele criado, referente à cidade de Jerusalém.

Graças aos relatos de Marta, que são revelados ao leitor por meio do narrador Mwanito, tomamos consciência do “evento” que levou essa mulher até Jerusalém, sendo ele referente ao desaparecimento de seu marido Marcelo em África, mais especificamente em Moçambique. Portuguesa da cidade do Porto, Marta se desloca do continente europeu para Moçambique, com o intuito de resgatar o seu marido Marcelo, desaparecido no país durante a guerra civil que se instaurara nele.

Tendo atuado na guerra moçambicana anos antes como soldado, Marcelo desejou e realizou a sua vontade de regressar ao país “em peregrinação de saudade”. (COUTO, 2010, p. 137). Após um mês, retornou ao Porto, demonstrando um comportamento estranho, como se tal experiência o tivesse transformado em uma outra pessoa. Por isso, “quinze anos depois, queria rever não a Terra, mas esse nascimento” (COUTO, 2010, p. 137), e, ao retornar a Moçambique pela segunda vez, não regressou mais a Portugal e nem deu notícias a sua esposa.

Mesmo não tendo o apoio de sua família, Marta assume o risco de se embrenhar em terras que não conhecia na esperança de encontrar o marido, ou, pelo menos, algo que justificasse o seu desaparecimento. Ao relatar essa sua experiência ao pequeno Mwanito, conforme ele lhe pedira depois que se instaurara em Jerusalém, a portuguesa assume para o narrador da obra que falar sobre o marido é explicar sobre ela mesma, sendo essa uma espécie de sina feminina: “as mulheres explicam-se a si mesmas falando sobre os seus homens”. (COUTO, 2010, p. 137).

A ausência do marido, atrelada à sensação de que estava sendo traída por ele motivara Marta a ir para Moçambique, fazendo com que ela se deslocasse do passado para o futuro em busca de respostas que só começam a chegar até ela por meio de seu encontro com os refugiados de Jesusalém. Além disso, o suposto abandono do marido a colocava em uma situação delicada em Portugal, uma vez que Marta passaria por possíveis julgamentos sociais acerca do fato de seu marido tê-la deixado sem nenhuma explicação aparente, como se fosse a portuguesa culpada por tal situação.

Em um dia atípico em Jesusalém, quando a cidade é coberta por uma chuva de ventos, ao se desesperar mais uma vez, Silvestre Vitalício ordena aos filhos que não saiam de casa até que a tempestade passe. Aquele dia, segundo Mwanito, fora o dia que virara sua vida ao avesso: “Uma vida inteira pode ser virada do avesso num só dia por uma dessas intermitências. Para mim, Mwanito, aquele fora o dia”. (COUTO, 2010, p. 115).

Assim como a passagem pelo rio nos parece ter sido de extrema importância para o jovem narrador enquanto passagem identitária, tal chuva de ventos também nos parece indicar o início de um novo momento na vida de Mwanito: o seu primeiro encontro com uma mulher após ter chegado à Jesusalém. Dessa forma, podemos perceber que a natureza parece desempenhar um papel importante na vida do narrador, sendo ele o de demarcar as suas novas etapas subjetivas.

Mwanito parece compreender os ventos como um sinal que o impulsiona a desobedecer ao pai pela primeira vez: “uma invisível mão me convidara a cruzar a linha proibida. Subi as escadas frontais e espreitei a varanda onde centenas de folhas piruetavam em tresloucada dança.” (COUTO, 2010, p. 117). Durante seu percurso ele se depara com um cadáver e se assusta, vacila um pouco e recua, voltando para casa. Assim como as notas de dinheiro nas quais escrevia quando seu irmão o alfabetizava, o cadáver nos parece simbolizar uma das formas pelas quais o mundo exterior e o tempo regular entram em Jesusalém, mostrando como, de fato, estavam fora do controle de Silvestre.

Ao contar a Silvestre Vitalício o acontecido, o patriarca se enfurece ainda mais, mas não tem coragem de enfrentar o vento, então ordena que o menino, Ntunzi e Zacaria Kalash verifiquem o que está acontecendo. A fúria de Silvestre nos

parece estar relacionada ao fato de o tempo regular entrar em seu domínio e furar o bloqueio que ele tenta oferecer-lhe. Silvestre não quer que a guerra entre em Jerusalém, mas não consegue evitar isso, por não conseguir impedir a passagem do tempo e o que ela traz.

Durante a vistoria por Jerusalém, o ex-militar conta aos dois irmãos que aquela situação envolvendo chuva de ventos e morte era semelhante a ocorrida no dia do funeral de Dordalma:

E me falaram então, do que havia sucedido no dia em que minha mãe fora a enterrar. “Enterrar” é apenas um modo de dizer. Afinal, nunca há terra suficiente para se enterrar uma mãe. (COUTO, 2010, p. 121).

De acordo com os relatos de Mwanito, Zacaria Kalash contara a ele e ao irmão Ntunzi que, durante o enterro da esposa, Silvestre Vitalício enfrentara a ventania que tapava com pó a cova de Dordalma, impossibilitando assim o seu sepultamento. Essa recusa da terra em receber o corpo de Dordalma nos parece estar atrelada às circunstâncias de sua morte: parece-nos que a terra não deseja encobrir, juntamente com o corpo da falecida, as atrocidades que culminaram em seu óbito. Talvez porque essa história ainda não estivesse terminada. Sendo assim, fazia-se necessário que ela fosse retomada. Para tanto, era necessário estabelecer uma ponte entre o passado, quando ocorreram as circunstâncias que vitimaram Dordalma, e o atual presente em Jerusalém, quando os meninos Ntunzi e Mwanito já estavam mais conscientes e preparados para lidarem com as verdades antigas que o pai lhes escondera por tanto tempo.

O corpo do soldado que aparece em Jerusalém traz de novo essa história que não foi enterrada, que Silvestre não conseguiu enterrar com Dordalma. Isso porque, quando ele cava a sepultura, o que tenta fazer é enterrar, ele mesmo, junto com o cadáver da esposa, uma história que ele recusa, porque participa dela, conforme se pretende mostrar nesta análise.

Dessa forma, durante o funeral de Dordalma, Silvestre Vitalício dispensa o coveiro, passando a cavar, junto ao filho Ntunzi, a sepultura da esposa:

Meu pai e Ntunzi tentaram, vezes seguidas, em vão. Mal abriam um buraco ele se cobria de areia. Juntaram-se Kalash e Aproximado, mas o resultado foi o mesmo: a poeira soprada em fúria pelo vento, logo preenchia aquela cavidade. Foi preciso que os coveiros profissionais terminassem o serviço de abrir e fechar a sepultura.

Agora, oito anos mais tarde, a terra voltava a rejeitar abrir o seu ventre para receber um corpo. (COUTO, 2010, p. 121).

Ao desobedecer ao pai, Mwanito encontra a portuguesa Marta, a primeira mulher que conhecera na vida. Enquanto Zacaria Kalash fora buscar uma arma e Ntunzi chamar o pai, Mwanito fica sozinho na velha casa que pouco frequentara durante sua estadia em Jerusalém. Nesse momento, subitamente, ele admite não ter tido infância:

Como é que, em tantos anos de infância, nunca tive curiosidade de explorar este lugar interdito? A razão é que eu nunca tinha exercido a minha própria infância, meu pai me envelhecera desde nascença. (COUTO, 2010, p. 121).

Mesmo demonstrando dificuldade para encará-la, Mwanito descreve Marta na narrativa parecendo demonstrar, na ocasião, todo o seu desconhecimento acerca do que fosse uma mulher. Ao mesmo tempo, o narrador-personagem manifesta, mais uma vez, a leveza de sua personalidade, que fez com que seu pai o transformasse em “afinador de silêncios”:

De soslaio, olhos semicerrados, enfrentei a intrusa. Ela era branca, alta e vestia como um homem, de calças, camisa e botas altas. Tinha os cabelos lisos, meio ocultos por debaixo de um lenço, o mesmo lenço que víamos na cabeça do suposto falecido. As botas eram também iguais às que o falecido calçava, o nariz e os lábios estavam mal desenhados e, somados ao tom da pele, davam-lhe um ar de criatura desenterrada. (COUTO, 2010, p. 123).

Sendo Marta uma criatura desenterrada, como bem afirmara Mwanito, logo podemos entender que ela pertence ao mundo dos revividos em Jerusalém. Revividos porque o que revive, na portuguesa Marta, é o passado que volta: o passado dela própria e o de Silvestre Vitalício. Ambos estão sofrendo devido a circunstâncias oriundas de suas vivências com seus respectivos cônjuges. Assim, Marta e Silvestre parecem permanecer em um estado de estagnação e, ao mesmo

tempo, de ruminação do que acontecera com eles. No entanto, ao contrário de Silvestre Vitalício, a personagem Marta reage positivamente quanto a essa situação e parte sozinha de Portugal para Moçambique em busca de respostas que preencham o vazio deixado pela ausência do marido.

Com Marta volta a Jesusalém a história de Dordalma, a da colonização portuguesa em Moçambique e a do estabelecimento das diferenças entre as culturas branca e negra. Mais ainda, volta a Jesusalém a história das diferenças raciais entre brancos e negros, ou seja, a história de diferenças que trouxeram tanta dor. Mas como Marta é mulher, essas diferenças voltam em outra perspectiva: elas já não voltam como imposição de uma cultura – branca – sobre a outra – negra. As diferenças voltam para mostrar que os sofrimentos acometeram ambas as partes, já que Marta também sofreu a perda do marido para a guerra em Moçambique.

Volta, também, para Marta, a discriminação de gênero que resulta da dor do abandono, da humilhação de ter sido rejeitada pelo marido, ficando exposta a toda a sua gente, sob o julgamento de sua própria família:

Quando anunciei em Lisboa que ia resgatar o marido perdido em África, a minha família abdicou do seu habitual distanciamento fleumático. O meu pai chegou a dizer, no calor da discussão:

- Esses delírios, minha filha, têm um nome: dor de corno! (COUTO, 2010, p. 163).

Assim, chegada da portuguesa em Jesusalém nos parece iniciar o de fechamento um ciclo de sofrimentos iniciado pela morte de Dordalma, ou seja, o ciclo do passado traumático provocado pela morte de uma mulher se encerra, na obra, pela presença de outra representante do gênero.

Além de desestabilizar o pequeno mundo criado por Silvestre Vitalício, a chegada da mulher em Jesusalém parece dar força à personagem Ntunzi para seguir seu caminho, se libertando do tempo de Jesusalém, e possibilitar a Mwanito experimentar várias sensações novas, que parecem mantê-lo em um estado de êxtase. Seria como se ele também tivesse se desenterrado, naquele momento, para poder viver a sua vida:

Foi então que sucedeu a aparição: surgida do nada, emergiu a mulher: uma fenda se abriu a meus pés e um rio de fumo me neblinou. A visão da criatura fez com que, de repente, o mundo transbordasse das fronteiras que eu tão bem conhecia. (COUTO, 2010, p. 123).

À noite, após o encontro com Marta, Mwanito recebe a visita de sua mãe Dordalma por meio de um sonho. Pela primeira vez na narrativa ele pôde ouvir a voz materna, sendo as características física e psicológica de Dordalma semelhantes às de Marta:

Nessa noite mesma fui visitado por minha mãe. No sonho, ela me surgiu ainda sem rosto, mas já com voz. E essa voz era a da Aparecida, com seus requebros e doçuras. (COUTO, 2010, p. 126).

De acordo com os escritos de Mwanito, Marta havia sido levada para Jesusalém por meio de Tio Aproximado. Ao tomar consciência de tal fato, Vitalício se enfurece e se revolta contra o cunhado:

De súbito, desatou aos pontapés a Aproximado, o militar tentando em vão impedir que o nosso Tio fosse atingido. Ali os três ficaram girando como pás quebradas de um moinho do vento. Por fim, cansado, o pai se apoiou na fachada do carro e respirou fundo como se quisesse reentrar na sua alma. A voz era a de Cristo em cruz, quando perguntou:

- Por que me traiu, Aproximado? Por quê? (COUTO, 2010, p. 127).

Ao indagar a Tio Aproximado o porquê de tê-lo traído, nos parece que Silvestre Vitalício não se refere apenas ao fato dele ter levado Marta até Jesusalém, desobedecendo assim sua ordem e vontade de exilar-se. Ao inserir a portuguesa na cidade, Aproximado traz de volta o passado que o cunhado renega, sobretudo no que se refere a trazer para Jesusalém uma história de Moçambique, e dele próprio, que Silvestre queria tanto esquecer.

Sentindo-se traído, Silvestre Vitalício passa a demonstrar confiança, dentre todos os habitantes de Jesusalém, apenas em Mwanito. Por isso, ordena ao filho que vá espionar a portuguesa, a fim de descobrir o que a havia levado a Jesusalém. Ao cumprir a ordem do pai, vasculhando os bens de Marta, o menino encontra vários papéis que se referiam ao diário pessoal que ela mantinha. Já alfabetizado, Mwanito

lê os escritos da portuguesa, definindo-os como asas, o que nos parece poder ser interpretado como uma espécie de passaporte para a liberdade: “Cada folha foi uma asa em que ganhei mais tontura que altura.” (COUTO, 2010, p. 129).

Ao encontrar pistas do marido em Moçambique, Marta resolve ir até lá, mesmo estando o país em um terrível conflito militar interno. Inicia-se assim a “intriga” que se desenvolverá quando ela chega ao espaço dominado por Silvestre Vitalício.

É interessante observar que, em seus escritos pessoais, de acordo com o que nos informa Mwanito, Marta parece afirmar que há, entre ela e os habitantes de Jesusalém, cidade que acabara de conhecer, algo em comum:

Porque sou como os habitantes de Jesusalém. Não tenho saudade, não tenho memória: meu ventre nunca gerou vida, meu sangue não se abriu em outro corpo. É assim que envelheço: evaporada em mim, véu esquecido num banco de igreja. (COUTO, 2010, p. 131).

Ao perder contato com o marido, estando ela na Europa e ele em Moçambique, Marta parece entrar em um estado vital incomum. Assim como Mwanito e Ntunzi, ela parece entrar na categoria ser, defendida por Alexis Kagame, uma vez que sua vida parece também estagnada diante dessa situação. Todo o movimento que ela realiza em direção a Moçambique se justifica pelo fato de que Marta tenta sair da estagnação e se deslocar em direção ao futuro, com o objetivo de encontrar Marcelo e se reencontrar – ou se redescobrir – enquanto mulher e enquanto pessoa.

Atrelado à fidelidade que mantinha pelo marido, o desaparecimento de Marcelo parece interromper o “existir” natural de Marta, ficando ela à espera do retorno do marido. Dessa forma, sua vida passa a ser guiada pela escrita: “Sou mulher, sou Marta e só posso escrever. Afinal, talvez seja oportuna a tua ausência. Porque eu, de outro modo, nunca poderia te alcançar.” (COUTO, 2010, p. 131). Mais uma vez, nos parece repetir, na obra **Antes de nascer o mundo**, a ideia de que a mulher está atrelada a figura do marido. Dessa forma, podemos concluir que não apenas a mulher moçambicana sofre com a diferença de gênero, o que nos permite observar uma identidade de gênero entre Marta e Dordalma.

Assim como a escrita nos parece ser fundamental para a personagem Mwanito, ela também o é para a personagem Marta, uma vez que devolve à portuguesa, ainda que simbolicamente, o marido ausente. Para escrever é preciso ter coragem, afinal quem escreve se expõe sem defesas em relação às interpretações que sua escrita poderá ter socialmente. Mas, em uma realidade masculina opressora, como a exposta na obra de Mia Couto, a escrita é para as mulheres, e para as outras minorias discriminadas, como é o caso da criança, a melhor forma de externar o que a sociedade não lhes permite expor. Além da escrita, a condição estagnada em que Marta se encontra a identifica com Mwanito. E o que os distingue é o fato de que, ao se deslocar em direção ao seu futuro, ela abre o futuro aos habitantes de Jesusalém.

Historicamente, como já foi citado anteriormente, a chegada dos portugueses, no passado de Moçambique trouxe as diferenças raciais que culminaram no sofrimento decorrente de toda a exploração colonial, a qual se justificou pela inferiorização do negro e pela mestiçagem. Porém, a chegada de Marta a Jesusalém parece mostrar que a possibilidade de futuro, para os habitantes da cidade, está, novamente, na chegada do branco, só que agora a branca, a mulher branca, mostrando que não é possível viver o futuro esquecendo o passado, embora seja necessário olhar para ele de maneira diferente e a partir de uma nova perspectiva, no caso, a feminina.

Ao retornar para casa, Mwanito demonstra temer pela reação do pai quando ele lhe dissesse que, nos guardados da portuguesa, apenas havia encontrado papéis escritos. Para Vitalício, o filho era ainda analfabeto, e, portanto, Mwanito não poderia lhe dizer o que estava escrito nessas folhas. Sendo assim, Vitalício ordena a Ntunzi que transmita a Marta uma ordem de despejo dos limites de Jesusalém. No entanto, o primogênito se recusa, pois, segundo Mwanito, o irmão “não era capaz de transgredir”. (COUTO, 2010, p. 144).

Assim, mais uma vez, coube a Mwanito cumprir tão delicada missão dada por seu pai. No entanto, ao reencontrar a portuguesa, o menino se surpreende ao ouvi-la cantarolando. Para um ser que vivera desde muito pequeno até aqueles dias desempenhando a função de “afinador de silêncios”, ouvir a voz da mulher parece lhe fazer o mundo escapar, assim como quando a viu pela primeira vez: “A

portuguesa encostou-se a uma trave de madeira, fechou os olhos e começou a cantarolar. De novo, o mundo me escapou.” (COUTO, 2010, p. 146).

Cumprindo a promessa de levar Marta para fotografar garças no rio, Mwanito afirma que os trejeitos da portuguesa e seu linguajar já lhe possibilitam um meio de sair de Jesusalém: “o simples acto de a escutar, era, para mim, um modo de emigrar de Jesusalém.” (COUTO, 2010, p. 148). Aqui, nos parece que Mwanito demonstra ter consciência de que a chegada da mulher possibilitaria a todos os habitantes de Jesusalém o retorno ao meio urbano comum, pois é justamente essa personagem que traz de volta o tempo regular à cidade de exílio.

Ao perceber que seus dois filhos lhes desobedeceram por causa de Marta, Silvestre Vitalício se revolta ainda mais contra a portuguesa:

Era tanta raiva que desafinou, a voz se esgarçou como um pano rasgado ao meio. Nunca o tínhamos escutado em tais timbres. Meu pai deu uns passos em direcção à casa da administração e desatou aos berros:

- Puta! Grande puta!

Projectava o corpo como se as palavras fossem pedras que arremessava:

- Vá se embora daqui sua puta! (COUTO, 2010, p. 129).

Silvestre Vitalício procura por Marta no velho casarão na companhia de Ntunzi e Mwanito, com o intuito de dar a ela, pessoalmente, ordem de expulsão. No entanto, a mulher não se deixa abalar.

Por ter conhecimento de sua história, em especial sobre os motivos que o levaram a se autoexilar, bem como a sua família, Marta expõe o velho patriarca aos filhos, colocando-o em uma situação vulnerável, conforme registrou Mwanito em seus relatos:

Aquilo era doloroso de testemunhar. Ela uma mulher, uma mulher branca, e estava desafiando a autoridade do velho, expondo perante os filhos a sua fragilidade de pai e de homem. (COUTO, 2010, p. 151).

Após essa afronta, Vitalício cai em uma estranha enfermidade que o deixa prostrado por alguns dias. É natural que tenha sido esta a reacção do patriarca após ser enfrentado publicamente por uma mulher, afinal estavam arraigados dentro dele os conceitos – ou preconceitos – acerca da condição feminina no país. Não

suportando tal enfrentamento, que derrubara o seu autoritarismo na cidade, ele se prostra, possivelmente por não conseguir reagir quanto a esta situação. Durante esse tempo, seus filhos têm a oportunidade de conviver com a portuguesa sem problemas quanto às proibições do pai. Ambos os meninos demonstram encantamento pela mulher, se tornando ela, a partir de então, fundamental para eles dois.

Quando Mwanito surpreende Ntunzi com a cabeça repousada no colo de Marta, se sente traído por ambos, além de excluído. Temendo a fuga de Ntunzi e Marta da cidade de Jesusalém, o menino se desespera, pois não deseja permanecer sozinho no local de exílio, sem o seu pedaço, que era o irmão:

Os ciúmes me fizeram afastar, deixando atrás o triste espetáculo de Ntunzi esparramado sobre a intrusa. Pela primeira vez odiei meu irmão. No quarto chorei ao sentir-me traído por Ntunzi e Marta. (COUTO, 2010, p. 154).

Ao recuperar a saúde, Silvestre Vitalício pressiona os filhos para que se afastem definitivamente de Marta. Pela primeira vez na narrativa Mwanito enfrenta o pai de forma aberta e corajosa por causa da portuguesa. Como não esperava tal atitude do filho caçula, Silvestre reage de forma um tanto quanto infantil, pois finge não estar ouvindo o que o menino está dizendo. No entanto, Mwanito prossegue: “- O senhor foi o avesso de um pai. Os pais dão os filhos à vida. O senhor sacrificou as nossas vidas à sua loucura.” (COUTO, 2010, p. 159).

Transtornado com a situação na qual estava inserido e vendo seu universo particular saindo de seu controle, Silvestre Vitalício parece enlouquecer de vez. Ele espanca o filho Ntunzi e intenciona expulsar definitivamente a portuguesa de Jesusalém, mas para tanto, implora pelo apoio de Mwanito, pois carecia, naquele momento, de silêncio: “- Venha aqui, Mwanito. Eu estou carecido de um silêncio”. (COUTO, 2010, p. 180).

Contrariando a expectativa de Vitalício, o filho caçula não atende ao seu chamado. Mwanito, em suas reflexões, analisa a situação e conclui:

Sentado na poltrona, cerrou os olhos e deixou tombar os braços como se tivessem deixado de lhe pertencer. Quase tive pena de Silvestre. No entanto, não podia deixar de pensar que aqueles mesmos braços tinham repetidamente espancado meu pobre irmão. E tinham sido, quem sabe, aqueles os braços que haviam estrangulado Dordalma, minha querida mãe. (COUTO, 2010, p. 180).

O pesar pelo mal que seus entes queridos sofreram, em decorrência das atitudes de Silvestre Vitalício, parece ter feito Mwanito reagir ante a realidade que o oprimia. Quando o pai cobra-lhe uma resposta ao seu chamado, o menino define que “o silêncio é travessia”. (COUTO, 2010, p.180).

Nessa passagem, nos parece que, pela primeira vez na obra, Mwanito não só reconhece o seu próprio choque, como também o demonstra, de forma reflexiva e pertinente. Permanecer na condição de “afinador de silêncios”, conforme a condição que lhe impusera o pai comprometeu seu desenvolvimento humano durante o período da infância, mas parece ter lhe possibilitado aprender com essa dificuldade, e por meio dela, reagir ao seu próprio sofrimento. Tais mudanças e reflexões nos parecem estar atreladas e condicionadas à chegada e à influência da portuguesa Marta.

Ainda segundo as reflexões da personagem Mwanito, naquele momento tenso da cidade de Jerusalém, quando o pai, mais uma vez, lhe impõe sua autoridade, a condição do menino parece ser superior à de Vitalício, como se pode perceber na seguinte afirmação:

Há que ter bagagem para ousar essa viagem. Silvestre, naquele momento, estava vazio. E eu repleto de mágoa e suspeita. Como podia burilar um silêncio com tanto zumbido na cabeça? Apressadamente me levantei, me inclinei respeitoso à passagem pela poltrona e me afastei. (COUTO, 2010, p. 181).

O abandono do filho estimula Silvestre Vitalício a produzir som. Para surpresa de Mwanito, pela primeira vez em onze anos ele testemunha o cantar do pai, que, segundo ele, era uma tentativa do patriarca de afastar a escuridão na qual estava coberta a sua vida: “meu pai cantava e a sua voz cumpria o propósito divino de afastar as escuras nuvens”. (COUTO, 2010, p. 181). Dessa maneira, parece-nos que não só Mwanito se liberta da condição de silêncio, como também o seu pai. Essa

mudança no quadro vital de Vitalício também nos parece ser fruto da chegada de Marta, sendo também uma possível tentativa dos dois em fazer vir à tona a memória individual desse personagem, que ela tanto se empenhou em apagar.

Após essa mudança na narrativa, Silvestre parece perder o controle de seus atos, rejeita a família e se autodenomina presidente de Jesusalém, transformando a cidade em “uma jovem nação independente” (COUTO, 2010, p. 190), como bem afirma o próprio patriarca. Seguindo o seu raciocínio, Vitalício anula a sua condição de pai para se dedicar apenas a uma função ditatorial: “- A partir de agora, não há cá ‘pai’ nem meio ‘pai’. A partir de hoje, eu sou a autoridade. Ou melhor, sou o presidente.” (COUTO, 2010, p. 189).

Contudo, Jesusalém não se torna independente à toa. A cidade se liberta porque nela passarão a conviver negros – representados por Silvestre Vitalícios –, mestiços, sendo esses Ntunzi e Mwanito – e brancos, representados por Marta. Conviver em igualdade porque a tentativa de Silvestre de expulsar Marta não funcionou. Além disso, ao fundar o seu próprio país, Silvestre Vitalício parece estipular uma realidade diferente daquela que se passava em Moçambique, onde todas as pessoas, independente do gênero e da raça, poderiam ser respeitadas e conviver em harmonia constante. Tais medidas, se possíveis, derrubariam por terra as mazelas moçambicanas das quais o patriarca fugira, levando a sua família com ele.

É interessante notar que a tentativa de Vitalício em expulsar Marta da cidade, repete a tentativa dos moçambicanos de expulsar os brancos do país em decorrência da nacionalização. Dessa forma, a primeira lei que o novo Presidente de Jesusalém impõe à nação se refere justamente à intolerância de influências coloniais dentro de seus limites, devido a tudo aquilo que Portugal fizera enquanto colonizador moçambicano e que ainda hoje este país não consegue aceitar:

E a lei marcial seria imposta em resposta àquilo que ele, fixando o olhar em Marta, designou de “ingerências dos poderes coloniais”. Que tudo seria vigiado diretamente por ele, o presidente. E executado com ajuda do seu braço direito, o ministro Zacaria Kalash. (COUTO, 2010, p. 191).

De acordo com o estudioso Mário Pinto de Andrade (1997), o partido político que organizou e realizou o processo de nacionalização do continente africano

invocou “a identidade social e histórica, os interesses e as aspirações como fundamento do nacionalismo específico aos povos africanos de Portugal”. (ANDRADE, 1997, p. 130).

Dessa forma, após viver por séculos sob o domínio colonial português, o povo moçambicano, ao reagir e conseguir estabelecer a nação Moçambique, renegou a etnia branca como forma de renegar todo o passado sofrido nas mãos dos europeus. Mas a pós-independência mostra que não é possível a Moçambique abrir mão da cultura branca e do contato com o branco na nova organização política. Ou seja, não é possível apagar a história. A solução para este embate seria, possivelmente, aprender a conviver com as feridas coloniais e as diferenças internas estabelecidas a partir delas.

Essa passagem do texto de Mia Couto nos parece tentar elucidar ao leitor a tentativa moçambicana de fundar, na pós-independência, uma nação alheia a todo e qualquer resquício português. Tal premissa nos parece poder ser confirmada pela passagem da obra **Antes de nascer o mundo** na qual a personagem Marta, ao se dar conta da falta de fundamento lógico do patriarca Silvestre Vitalício para fundar uma nova nação independente, resolve tentar interferir no caso, chamando-o a razão, conforme relatou o narrador Mwanito:

A portuguesa se aproximou, quase maternal. Parecia que sua mão iria tocar no ombro do nosso velho, mas a visitante se arrependeu.

- Caro Silvestre, você sabe bem o que é preciso aqui.

- O que falta aqui é uma despedida.

- Você não se despediu da falecida. É isso que lhe traz tormentos, essa falta de luto não lhe traz sossego.

- Não autorizo que fale desses assuntos, sou presidente de Jerusalém, não preciso de conselhos vindos da Europa. (COUTO, 2010, p. 194)

Vitalício se nega a aceitar os conselhos de Marta possivelmente pelo fato dela ser portuguesa, e dele não permitir a inserção, em sua nação independente, de palpites de origem colonialista, conforme o próprio Vitalício afirma na ocasião. No entanto, ao romper as ligações sociais e políticas com o modelo colonial português, Moçambique manteve em sua estrutura de estado, basicamente, os mesmos ideais que marginalizavam os indivíduos miscigenados e sustentava as distinções sociais,

o que comprovaria a permanência de um modelo de gestão neocolonial dentro do país.

Diante de tamanho devaneio de Silvestre Vitalício, Mwanito e Ntunzi decidem fugir do acampamento, mas são impedidos pelo pai. Sentindo-se ameaçado, o mais velho lança mão da arma do próprio patriarca para se proteger e proteger ao irmão caçula. Diante dessa situação conflitante, Mwanito chora, o que incomoda a Vitalício. Ele ordena ao filho que cesse o seu pranto, mas não é atendido. O pai, então, ordena ao menino que cante um hino nacional, ao que Mwanito lhe indaga de qual nação ele deveria cantar o hino.

Esta dúvida do narrador parece se referir também ao seu próprio conflito subjetivo acerca de qual nação ele integrava, como o próprio Mwanito reflete: “A minha única nação tinha sido essa que ficara longe, na casa onde eu nascera. E a bandeira dessa nação era cega, surda e muda”. (COUTO, 2010, p. 204). O nulo destes três sentidos aos quais Mwanito se refere nos parece estar atrelado ao fato do menino não se lembrar de nada relativo à residência oficial de sua família em Maputo, onde ele próprio nascera. Esse sentimento de não pertencimento será trabalhado neste texto posteriormente.

Ao ser questionado por Mwanito quanto a qual hino nacional deveria cantar, Silvestre Vitalício parece se mostrar atingido com a indagação do filho, de modo que ele próprio passa a refletir quanto à nação que ele afirmara ter criado: “Silvestre Vitalício me olhou, assustado com a pergunta. Tremeluzia-lhe o queixo, abismado com a singela lógica da minha pergunta”. (COUTO, 2010, p. 204).

Após esquarterar a jumenta Jezibela, Silvestre Vitalício pede a Mwanito que durma com ele, coisa que antes o patriarca não admitia. Ao acordar o menino descobre que o pai se deixou picar por uma serpente:

- Eu já fui picado.
 - Não acredito, pai.
 - Veja minha mão como está inchada, toda de outra cor. A minha mão, caro Mwanito, já é da raça dos mortos.
- (COUTO, 2010, p. 211).

Ao intentar pertencer ao lado dos mortos, Vitalício parece desejar se libertar do universo por ele criado, sobretudo no que se refere ao tempo de Jesusalém, por meio da morte. Para o patriarca, de acordo com os escritos de Mwanito, a cobra que o picara era o próprio tempo que ele tanto se empenhara em apagar: “Aquela cobra era senão o Tempo. Durante anos ele tinha resistido contra os arremedos da serpente. Esta noite cedera, desistindo.” (COUTO, 2010, p. 211).

A partir de então, se inicia na obra **Antes de nascer o mundo** o processo de retorno das personagens enclausuradas em Jesusalém ao meio social urbano comum, uma vez que buscam socorro para Silvestre Vitalício na cidade, onde o tempo regular flui livremente. Esses homens que habitavam a cidade de Jesusalém se retiraram do mundo por causa de uma mulher, no caso Dordalma, e é exatamente uma outra, no caso a portuguesa Marta, que acaba fazendo-os retornar a ele.

2.2 Dordalma: um passado que não passa

Na obra **Antes de nascer o mundo**, a personagem Silvestre Vitalício, além de não conseguir lidar com o suicídio da esposa, parece culpar Dordalma pela violência que a induzira a se matar, bem como pela sua atitude em isolar o grupo que liderava. Tais verdades nos parecem poder ser confirmadas pela condição mulata da personagem Dordalma dentro da sociedade moçambicana. Além disso, a própria condição feminina da personagem a denuncia no enredo da obra, e sendo o seu marido um representante fiel da cultura moçambicana, ele não encontrara na ocasião outra forma de interpretar os fatos.

A questão racial não é o único problema presente na sociedade moçambicana. No que se refere à relação entre gêneros, pode-se afirmar que a cultura desse país ainda está arraigada a valores e conceitos formulados dentro de um modelo machista e patriarcal, pouco – ou nada – evoluído ao longo da história do país.

Embora dentro da história de Moçambique haja vários exemplos de mulheres que lutaram em guerras, a concepção de uma identidade feminina limitada e submissa contribuiu para dificultar o posicionamento da mulher dentro da sociedade moçambicana. Dessa forma, essa condição limitada, atrelada à sua condição de mulata, parece ter colocado a personagem Dordalma em uma posição delicada. Sem ter quem a apoiasse, e sem nenhuma outra base à qual pudesse recorrer, Dordalma se torna refém do seu próprio meio, o que a condena a sucumbir em meio à realidade que a norteava.

Como o narrador Mwanito ainda era muito pequeno quando perdera a mãe, não se recordava, durante a infância, das circunstâncias que culminaram na sua morte. De acordo com Paul Ricoeur (1994), antes de iniciar a performance, toda a narrativa está presente na memória do orador como sendo ela uma espécie de expectativa; à medida que executa a recitação, o texto vai sendo armazenado como uma “imagem impressão” ou um “vestigium” que se perpetua no presente. (RICOUER, 1994, p. 35). Dessa forma, nos parece que, ao contar a história que vivera no passado, juntamente com sua família, além de estabelecer o tempo poético proposto por Paul Ricoeur, Mwanito organiza no presente sua memória individual e possibilita a sua exposição ante a memória oficial de Moçambique, conforme será trabalhado neste texto posteriormente.

Apesar de narrar a sua história e, conseqüentemente, a da sua família no presente, em um momento no qual tais verdades já lhe haviam sido reveladas, Mwanito mantém o mistério dessa perda até o livro três da obra de **Antes de nascer o mundo**, quando relata ao leitor o que lhe revelara a portuguesa Marta, por meio de seus escritos, em relação a tudo aquilo que, até então, lhe estava sendo ocultado.

Até o momento dessa revelação, Mwanito se refere à mãe sempre de forma distante na narrativa, embora sua “presença” seja constante na cidade de Jerusalém. O menino, em vários momentos, tenta arrancar informações sobre a falecida com o pai, Silvestre Vitalício, mas a perda traumática da esposa fez com que Vitalício procurasse um espaço ideal onde pudesse viver com sua família e esquecer seu trauma, o que, na verdade, não consegue. Esse, para ele, seria o meio de preencher o vazio e o sofrimento que a perda da esposa lhe provocara e a tentativa de esquecer todo o passado que Dordalma representava. Dessa forma, Vitalício se recusava a falar da falecida com o filho. No entanto, como o próprio

Mwanito relata em seus escritos, quanto mais Vitalício tenta se afastar do passado, mais vai ao encontro dele.

De acordo com o narrador, Vitalício não permitia que nenhum dos filhos dormisse com ele por temer falar dormindo sobre “coisas inconfessáveis.” (COUTO, 2010, p. 31). Ao analisar tal fato, Mwanito conclui estar ele atrelado à perda da mãe, pois, mesmo Dordalma já tendo morrido, permanece no mundo dos vivos influenciando a vida de sua família, se tornando uma espécie de passado traumático, que, além de não ter sido superado, ruma no presente, tornando-o torturante, difícil de suportar:

De novo, era Dona Dordalma, nossa ausente mãe, a causa de todas as estranhezas. Em lugar de se esfumar no antigamente, ela se imiscuía nas frestas do silêncio, nas reentrâncias da noite. E não havia como dar enterro àquele fantasma. A sua misteriosa morte, sem causa, nem aparência, não a roubara do mundo dos vivos. (COUTO, 2010, p. 31).

O fato é que, ao perder a mãe Dordalma, Mwanito inicia uma fase turbulenta em sua vida, que não se refere apenas a sua nova condição de órfão materno. Após o óbito da mãe, Mwanito passa a viver de forma isolada em um espaço geográfico limitado, que em nada contribuía para com a sua formação humana. De fato, essa perda parece representar, não somente para Mwanito, como também para seu pai Silvestre Vitalício e seu irmão Ntunzi, um acontecimento vital de transformação da vida de cada um, culminando em mudanças gerais e subjetivas nessas personagens.

Antes de voltar para a casa no Porto, Marta escreve uma carta para Mwanito. Na correspondência, a portuguesa faz ao menino revelações quanto ao seu próprio passado e ao que realmente aconteceu com sua mãe. Segundo a portuguesa, Dordalma era uma pessoa boa, dedicada mãe e esplendorosa esposa. E embora fosse também uma mulher extremamente bonita e atraente, não recebia do marido o verdadeiro valor e reconhecimento por essas suas virtudes: “em casa, Dordalma nunca era mais do que cinza apagada e fria”. (COUTO, 2010, p. 242). Durante os anos de matrimônio com Silvestre Vitalício, que nessa época ainda respondia por Mateus Ventura, o comportamento do marido em relação a ela, “a habilitaram a ser ninguém, simples indígena do silêncio”. (COUTO, 2010, p. 242).

Essa postura adotada pelo patriarca nos parece estar em consonância com o ideal moçambicano no que se refere à condição feminina. Vitalício era distante da esposa, não dando a ela todo o valor e a consideração que ela merecia. Dessa forma, não via a necessidade de dedicar-lhe grandes cuidados, tão pouco tornar sua existência prazerosa. Vale lembrar que, ao adotar esse posicionamento conjugal, Mateus Ventura/Silvestre Vitalício apenas reproduz um comportamento masculino social dos homens moçambicanos, ou seja, ele pode ser visto como um produto do seu meio.

A maneira encontrada por Dordalma de se vingar do marido por todo esse desprezo, segundo o texto, era investindo em sua aparência, o que a tornava mais bela do que a própria natureza já lhe fizera. De acordo com os escritos de Marta, em uma quarta-feira de um passado anterior a Jesusalém, cansada da realidade que a cercava e da condição à qual fora reduzida em seu lar, Dordalma se produziu de forma mais acentuada, saindo de casa “vestida para semear devaneios”. (COUTO, 2010, p. 243). Sua intenção parecia ser, justamente, chamar a atenção das pessoas que cruzassem o caminho por onde passasse, desafiando os olhares da sociedade:

O vestido era de cegar um mortal e o decote era de fazer um cego ver o céu. Estava tão vistosa que poucos deram conta da pequena mala que transportava com o mesmo desamparo de uma criança no primeiro dia da escola. (COUTO, 2010, p. 242).

Além disso, como a própria portuguesa já havia questionado a Silvestre Vitalício, a intenção de Dordalma nessa ocasião era também a de abandonar a sua casa, e conseqüentemente, a sua família:

- Diga-me apenas uma coisa. Ela se ia embora, não é verdade?
- Como?
- No autocarro, Dordalma. Ela ia fugir de casa...
- Quem lhe disse?
- Eu sei, eu sou mulher... (COUTO, 2010, p. 194).

Ao embarcar em um autocarro, Dordalma teve que dividir o espaço reduzido da condução com vários homens, que se espremiavam entre si, e, sobretudo, a espremiavam entre eles. Ao tomar essa medida ela invade um espaço masculino,

impondo sua presença e, sobretudo, sua feminilidade em meio ao poder dominador masculino, o que a coloca em uma situação vulnerável. Isso se deve ao fato de que Dordalma, para os passageiros do autocarro, estaria, possivelmente, os atingindo em um âmbito moral e sexual, já que, como mulata e, portanto mestiça, ela impunha-lhes, com sua presença, o passado colonial, no qual a mulher moçambicana negra se relacionara sexualmente com os homens brancos portugueses gerando filhos mestiços. Embora o objetivo da mulher negra, ao fazê-lo, fosse escapar da escravidão, o homem negro carrega consigo o peso da traição.

Assim, de maneira proposital, o motorista do coletivo conduziu o veículo até um “esconso e escuro baldio” (COUTO, 2010, p. 243), onde Dordalma sofrera um estupro coletivo, sendo violentada brutalmente por doze homens negros:

A verdade é que, de acordo com as esquivas testemunhas, Dordalma foi arremessada no solo, entre babas e grunhidos, apetites de feras e raivas de bicho. E ela foi-se afundando na areia como se nada mais que o chão protegesse o seu frágil e trémulo corpo. Um por um, os homens serviram-se dela urrando como se se vingassem de uma ofensa secular. (COUTO, 2010, p. 243).

Parece-nos que, por ter Dordalma saído de casa com um traje um tanto quanto provocativo, e ainda por cima embarcando em uma condução pública na qual só havia homens, a própria Dordalma estava desafiando os costumes sociais ao invadir um espaço público que lhe era proibido. Dessa forma, para seus violadores, ela estaria se oferecendo para ser possuída por todos eles. A ofensa secular citada na passagem transcrita acima também parece remeter a esse machismo moçambicano histórico, que subjuga a mulher reduzindo a sua função, dentro da sociedade, basicamente à sexual.

Além disso, o estupro coletivo parece também poder ser justificado, de acordo com os relatos de Marta, pelo adultério que Dordalma cometera, gerando como fruto o filho Ntunzi. Tais acontecimentos geram o julgamento e o menosprezo dos quais ela é vítima por homens e mulheres de seu meio: “nas horas seguintes, ela não fora mais que um corpo, um vulto a mercê dos corvos e dos ratos e, pior que isso, expostos aos olhares maldosos dos raros passantes”. (COUTO, 2010, p. 243).

Marta relatara a Mwanito, na carta que escrevera a ele, que mesmo após ter sofrido tal ataque, Dordalma não fora socorrida por ninguém. Tal convivência popular com os homens que abusaram sexualmente da esposa de Vitalício poderia se justificar pela postura social moçambicana em relação ao gênero feminino e a tudo aquilo que a mulher representa para essa sociedade.

Apesar disso, é incômodo imaginar que outras mulheres compactuem com tal atrocidade, uma vez que elas compartilham com Dordalma, com exceção da raça mulata, essa mesma condição marginal feminina. Dessa forma, pode-se concluir que, se mantendo passivas ao estupro coletivo de Dordalma, as outras mulheres que presenciaram tal atrocidade não iriam se expor ao gênero masculino, não correndo o risco de sofrerem essa mesma penalidade.

Embora a realidade da mulher moçambicana no período pós-independência tenha mudado de forma significativa, a voz e a vez feminina no país ainda são abafadas em diversos momentos e contextos. Ao opinar sobre o assunto, a escritora moçambicana Paulina Chiziane (2010) compara a realidade feminina do período colonial, com esta mesma realidade no período pós-independência, se colocando enquanto testemunha ocular desses dois momentos históricos. Segundo ela, antes da nação moçambicana ter conquistado sua independência civil no dia 25 de setembro de 1975, a dedicação social feminina era direcionada exclusivamente aos afazeres domésticos e às expectativas matrimoniais. Agora, décadas após conquistar um espaço social maior, segundo Chiziane, as ambições femininas extrapolam este primeiro direcionamento dado pela sociedade para a mulher: “toda mulher deseja alguma coisa na vida” (CHIZIANE, 2010, p. 173-182) além de se casar e ter filhos.

Dessa maneira, podemos concluir que, ao provocar os costumes da sua cidade, Dordalma não desmerecia o matrimônio, ou mesmo a condição feminina de esposa; no entanto, somente estes não seriam o bastante para completar totalmente, enquanto ser humano ativo e capaz, a mulher dentro da sociedade moçambicana.

Corroboram com a fala da escritora Paulina Chiziane, citada acima, as considerações do próprio autor Mia Couto (2010), que, ao opinar acerca desse mesmo tema, afirma ser o lugar da mulher uma questão histórica silenciada e mal

resolvida dentro de Moçambique. Referindo-se à situação da mulher na sociedade, o escritor afirma que “Na parte urbana da sociedade, temos vários aspectos da modernidade, mas existe uma máscara, pois tudo isso é muito frágil. Temos muito forte na sociedade preconceitos antigos e referenciais da tradição que ainda estão presentes.” (COUTO, 2010, p. 200). E explica:

No meu trabalho como biólogo atuo muito perto do lado antropológico, do lado social, sem esquecer o lado humano. Aqui em Moçambique é assim. Nesse trabalho posso verificar algumas situações bem interessantes do ponto de vista daquilo que compõe a cultura moçambicana. Na região da etnia Maconde, norte do país, região rural, uma mulher, por exemplo, não pode olhar de frente para o seu sogro, não pode falar, a não ser em voz baixa, em presença de homens. A mulher lá tem outro estatuto. O homem é quem domina em todos os pontos. (COUTO, 2010, p. 201).

Referindo-se à importância da obra da escritora Paulina Chiziane pelo fato de ela tomar, como objeto de reflexão, a questão feminina no país, Mia Couto destaca também o problema da violência contra a mulher no país quando afirma que:

Paulina desafia a sociedade ao tocar nesses assuntos, nesses tabus da nossa tradição. Outro tema que ela aborda com vigor é o da violência. O que escutamos nos jornais, nos noticiários é uma pequena parte do que acontece na realidade. O homem não tem se sentido à vontade nesse território e agride a mulher no fundo porque ele tem medo de perder o domínio da ligação mais íntima das pessoas com o mundo. (COUTO, 2010, p. 201).

Essas observações de Mia Couto encontram ressonância nos conflitos que envolvem a personagem Dordalma. Após ser largada ao chão, ela ficara exposta a todos até a chegada do marido, que a tomara nos braços e a carregara até em casa: “carregando Dordalma ao colo, Silvestre atravessou a rua lentamente, sabendo que por detrás das janelas dezenas de olhares espantavam na sua lúgubre imagem”. (COUTO, 2010, p. 243). Ele socorrera a esposa, mas sabia que seria julgado socialmente pela atitude dela. Afinal, fora Dordalma quem saíra de casa com a intenção de provocar e possivelmente afrontar as amarras moçambicanas que a colocavam em uma condição inferior aos homens.

Tais suposições fizeram Vitalício tirar as roupas da esposa, deixando-a sozinha sobre a mesa da cozinha para queimar tais vestimentas no quintal da casa.

Após tal prática, segundo os registros de Marta para Mwanito, Vitalício “sentou-se de novo junto a mesa e ficou vigiando a esposa que dormia. Nem um afago, nem um cuidado. Apenas a fria espera de um zeloso funcionário”. (COUTO, 2010, p. 244). Ao se certificar de que ela havia recobrado a consciência, Silvestre lhe ordena: “Pois escute bem o que lhe vou dizer: nunca mais me envergonhe desta maneira. Escutou bem?” (COUTO, 2010, p. 244). Como se pode deduzir por meio dessa passagem, o patriarca não parecia estar preocupado com a saúde e o bem estar da esposa, nem ao menos com as consequências que ela iria sofrer, oriundas dessa violência, mas sim com a vergonha que ele passara publicamente, cuja culpa ele lhe imputava. Sobretudo pelo fato de Dordalma ter passado por cima de sua autoridade masculina e patriarcal ao se portar da forma que a condenara socialmente.

Mesmo assim, Dordalma demonstra submissão ao marido ao afirmar, com um gesto positivo de cabeça, ter compreendido sua determinação. Parece-nos que, dessa forma, os papéis de vítima e opressor são invertidos por Silvestre Vitalício, tornando-se Dordalma a culpada por uma atitude que vitimou seu marido e sua família. Após repreender a esposa, Vitalício vai dormir no quarto tranquilamente, deixando-a sozinha na cozinha, espaço tradicionalmente destinado à mulher, entregue a sua própria vontade:

Ela que permanecesse na cozinha, se lavasse como deve ser. Mais logo, quando a casa dormisse, podia sair para o quarto e deixar-se por lá, quieta e muda. Que ele, Silvestre Vitalício, já sofrera vexames que bastassem (COUTO, 2010, p. 245).

Ao despertar no dia seguinte, de acordo com as informações contidas na carta que Marta endereçara a Mwanito, Silvestre Vitalício se dirigiu à casuarina, onde encontrou Dordalma morta:

A tua mãe lhe surgiu como fruto seco, a corda não sendo mais que um pecíolo tenso. Esbracejou contra as ramagens e, em silêncio, cortou a corda para escutar o baque surdo do corpo de encontro ao chão. E logo, se arrependeu. Aquele som já antes ele escutara: era o barulho da terra tombando sobre a tampa do caixão. Aquele ruído iria incrustar-se nos seus ouvidos como musgo na parede sombria. Mais tarde, o teu silêncio, Mwanito, foi a sua defesa contra esse eco recriminador. (COUTO, 2010, p. 246).

Parece-nos que a história de Dordalma revela uma verdade sobre os mestiços e as mulheres que os homens negros moçambicanos não dão conta de contar, pois eles a cometem, por isso o trauma de Silvestre. Mwanito sabe dessa verdade por outra escrita da história, narrada por uma mulher branca e portuguesa, sendo esta uma possível denúncia dessa verdade.

O que mais desesperava Vitalício, segundo os escritos de Marta, não se referia apenas à morte da esposa, mas sim ao fato dela ter ceifado a sua própria vida. Na verdade, Dordalma somente se mata porque o próprio Mateus/Silvestre culpa-a pela violação de que ela fora vítima, ou seja, culpa-a como mestiça e como mulher, conforme demonstrara por meio do seu comportamento descrito anteriormente, após socorrer a esposa violentada. E ao suicidar-se, Dordalma parece mostrar para Silvestre que ele também é culpado por sua tragédia, afinal o que a motivara a sair de casa de forma provocativa fora justamente o comportamento machista e distante do marido, que a fazia se sentir desprezada e inferior a ele próprio.

Após encontrar o corpo de sua esposa suicida, Silvestre Vitalício demonstra desespero, não pela perda trágica que acabara de sofrer, mas sim por se sentir fracassado enquanto marido, pelo fato da esposa ter se matado. Afinal ele era o seu “proprietário” e, dessa forma, quem deveria decidir pela vida ou pela morte de Dordalma, era o próprio Vitalício:

O teu pai chorara por despeito. Suicídio de mulher casada é o vexame maior para qualquer marido. Não era ele o legítimo proprietário da vida dela? Então, como admitir aquela humilhante desobediência? Dordalma não abdicara de viver: perdida a posse de sua própria vida, ela atirara na cara de teu pai o espetáculo da sua própria morte. (COUTO, 2010, p. 246).

Dessa forma, sentindo-se incapaz de suportar tamanha pressão referente ao suicídio da esposa, bem como ao julgamento moral e social que passaria a sofrer dali por diante, a solução encontrada por Silvestre Vitalício fora romper relações com o mundo exterior e com o tempo regular.

3 O TEMPO DO (RE) NASCIMENTO DO MUNDO

3.1 O tempo e a memória

Ao trabalhar o conceito de memória, o estudioso Maurice Halbwachs (2004) o atrela ao conceito de memória coletiva. Segundo Halbwachs, todas as recordações de um indivíduo são constituídas no interior de um grupo específico, com o qual ele se identifique. Assim, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, já que todas as lembranças são constituídas no interior desse grupo. O estudioso acredita que a origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma intuição sensível:

Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que – para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social – admitiremos que se chame intuição sensível. (HALBWACHS, 2004, p. 41).

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”, ponto de vista este que considera o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios. (HALBWACHS, 2004, p. 55). Na perspectiva de Halbwachs, a memória individual não está isolada. Frequentemente, toma como referência pontos externos ao sujeito. O suporte em que se apoia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica. (HALBWACHS, 2004, p. 57-9). Assim, é importante, no processo de constituição da memória individual, considerar as percepções acrescentadas pela memória histórica.

Em Halbwachs, a memória histórica é compreendida como a sucessão de acontecimentos marcantes na história de um país. O próprio termo “memória

histórica” seria uma tentativa de aglutinar questões opostas, mas para entender em que sentido a História se opõe à Memória, para Halbwachs, é preciso que se atenha à concepção de História por ele empregada. A memória coletiva é pautada na continuidade e deve ser vista sempre no plural (memórias coletivas). Ora, justamente porque a memória de um indivíduo ou de um país estão na base da formulação de uma identidade, a continuidade é vista como característica marcante.

Porém, a escrita da História passou por significativas mudanças nas últimas décadas. A crise epistemológica porque passou recentemente a disciplina estremeceu várias das certezas dos historiadores. Passamos a questionar a própria noção de um tempo fixo, para defender a existência de temporalidades múltiplas. Também a questão da objetividade, durante tanto tempo cara ao historiador, vem sendo relativizada, pois assim como o historiador é fruto de seu tempo, também o é o discurso histórico por ele produzido. As fontes escritas também não são menos inverídicas do que as fontes orais, ambas devem ser analisadas criticamente, sendo este critério indispensável àqueles que concebem a prática historiográfica como científica.

Em função disso, Michael Pollack vê como dialógicas as relações entre história e memória ou entre a memória oficial, nacional e aquilo que denominou “memórias subterrâneas” em referência às camadas populares. Para Pollack, essas memórias marginalizadas abrem novas possibilidades no terreno fértil da História Oral. Não se trata de historicizar memórias que já deixaram de existir, e sim, trazer à superfície memórias “que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível” e que “afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados”. (POLLACK, 1989, p. 3-15).

Para o estudioso, é importante observar como se constrói a memória coletiva:

Numa perspectiva construtivista não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se importar, portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. (POLLACK, 1989, p. 03).

Com relação à memória individual, segundo Michael Pollack (1989), esta teria como aliada, neste conflito entre memórias, a oralidade. Para ele, a história contada verbalmente entre gerações, dentro de um meio social, em muito se difere daquela registrada em documentos oficiais, por ter como embasamento o testemunho daqueles que presenciaram os acontecimentos reais. O testemunho, então, aparece como forma de garantir a proliferação de análises subjetivas e marginais sobre acontecimentos que a história oficial, às vezes, negligencia.

Ainda segundo Michael Pollack, como a história oral privilegia a análise dos excluídos, ela dá ênfase à memória subterrânea de uma sociedade, que “como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à memória oficial, no caso, a memória nacional”. (POLLACK, 1989, p. 03). As informações que a memória individual nos trazem são seletivas, pois ela lança mão de um fundamento histórico para se fazer sempre presente enquanto lembrança. Dessa forma, a oralidade poderia indicar caminhos de interpretações possíveis e maneiras variadas de se construir um outro olhar sobre um mesmo fato:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional. (POLLACK, 1989, p. 04 – destaques do autor).

Dessa maneira, seguindo a análise da obra **Antes de nascer o mundo**, se intenciona, nesse momento, demonstrar como a memória individual e seletiva da personagem Mwanito se torna fundamental durante o processo de constituição de sua subjetividade após conseguir se libertar de Jerusalém. Nesse processo de constituição da subjetividade, a personagem cruzará uma temporalidade que se demarca pelas intrigas que se vinculam a sua própria vida com as temporalidades que marcam o tecido social moçambicano. Por meio desse cruzamento de temporalidades, a memória individual de Mwanito possibilitará, dentro do enredo do escritor Mia Couto, a emergência de uma memória subterrânea de Moçambique que se demarca por várias temporalidades que compõem a história do país e traz, para a superfície narrativa, resquícios do tempo histórico da época colonial, do tempo das diferenças que definiram a prevalência da cultura branca sobre a cultura negra.

Nosso objetivo é verificar como, pela pena de Mwanito, essa memória subterrânea projetada, no presente da narrativa, um passado que rasura o tecido social que está sendo construído pela memória nacional da pós-independência moçambicana.

3.2 O tempo da história

Mwanito, na ocasião da partida de Jerusalém, ainda parece demonstrar uma certa ansiedade em contemplar o que está por vir em seu caminhar, uma vez que a estadia em Jerusalém o limitara em termos de relação com o mundo, sobretudo no que concerne à falta de contato direto com outras pessoas pertencentes à mesma cultura e sociedade que ele, além de sua própria família. Dessa forma, nos parece que se pode concluir que, apesar de ter nascido em um meio social comum de Moçambique, provavelmente a capital Maputo, Mwanito não poderia se considerar, até então, um indivíduo como outro qualquer, nascido e criado nesta localidade.

Dessa forma, ao atravessar as fronteiras de Jerusalém, Mwanito parece estar a concluir um longo ciclo em sua vida, e, ao dar início a um novo, o mundo parecia começar, finalmente, a nascer para ele, como se o narrador tivesse a oportunidade de viver uma nova história. A partir desse momento, sua trajetória estaria condicionada às escolhas que ele próprio iria fazer, mediante aos acontecimentos que passaria a viver enquanto um legítimo cidadão moçambicano.

Dentre as várias mudanças que essa inserção no meio social comum poderia proporcionar ao narrador, o compartilhamento de sua memória individual com a de outras pessoas, além daquelas com as quais vivera durante oito anos na cidade de Jerusalém, nos parece ser bastante relevante a essa personagem nesse momento da narrativa de Mia Couto. O próprio Mwanito parece demonstrar em seus escritos ter essa consciência ao esboçar que não lhe bastava mais ver o mundo, pois agora lhe importava o modo como ele próprio o enxergava: “pela primeira vez não me bastava ver o mundo. Eu queria, agora, ver o modo como olhava o mundo.” (COUTO, 2010, p. 218).

Enquanto a personagem Silvestre Vitalício, no retorno à cidade, demonstra se reconhecer na casa onde morara no passado com sua esposa e filhos, Mwanito afirma veementemente não conseguir se identificar com o espaço que passa a habitar novamente. Ao seguir com os seus relatos, o próprio narrador parece demonstrar reconhecer esse sentimento de não pertencimento:

Confesso: por mais que eu fizesse esforço continuava estranhando a casa onde havia nascido. Nenhum quarto, nenhum objeto me trouxe lembranças dos meus primeiros três anos de vida. (COUTO, 2010, p. 221).

Este não reconhecimento por parte do narrador, em um primeiro momento, do espaço físico onde nascera e vivera os seus três primeiros anos de vida, nos parece natural. Afinal, como ele havia permanecido por oito anos fora daquele local, e sem nenhuma lembrança de como ele era, parece se sentir um estranho dentro da sua própria casa. Dessa forma, Mwanito definiu o imóvel onde nascera como uma espécie de bandeira sem voz. E sendo a bandeira o símbolo oficial, concreto e particular de uma nação, podemos perceber que, ao esboçar esse não reconhecimento da própria casa onde nasceu ele parece demonstrar, também, uma certa ignorância acerca do que seria a sua nação, ou seja, o país Moçambique.

Apesar desse desconforto inicial ante a casa de sua família, mesmo na cidade, fora Mwanito que cuidara do pai. Silvestre afirma ao filho que se sente culpado por ter consciência de que Mwanito não tivera infância: “- Meu filho, me sinto tão culpado. Você está tão velho, está tão velho quanto eu.” (COUTO, 2010, p.218). Essas palavras parecem afetar diretamente Mwanito:

A velhice me cegara sem mérito. Com os meus onze anos, eu estava murcho, consumido pelos delírios paternos. Sim, meu pai tinha razão. Quem nunca foi criança não precisa do tempo para envelhecer. (COUTO, 2010, p. 225).

O desempenho da função de “afinador de silêncios” pelo período de oito anos parece ter proporcionado ao menino Mwanito uma ligação significativa com o pai, Silvestre Vitalício, pela qual ele absorvera os “delírios paternos”, o que justificaria o seu comportamento. Essa premissa poderia justificar também o simbólico

envelhecimento precoce dessa personagem, como fora citado pelo próprio Silvestre. Dessa forma, nos parece que Mwanito carregava em sua memória subjetiva os “delírios paternos”, sendo eles referentes ao testemunho de Silvestre acerca dos fatos que presenciara durante toda a sua vida enquanto vivera no meio social comum.

Todavia, uma vez inserido regularmente em Maputo, o narrador teria a oportunidade de conviver com seus patrícios e interpretar como bem entendesse a maneira com a qual eles agiam e se manifestavam socialmente. Além disso, Mwanito também poderia lançar um olhar crítico para os valores arraigados na memória coletiva moçambicana, se valendo do fato de que alguns vestígios desses valores já estavam dentro da sua memória individual, por incidência dos “delírios paternos”. Dessa forma, nos parece que, ao dar início a sua vida social em Moçambique, Mwanito lança mão de sua subjetividade para interpretar como o povo moçambicano lidava com a questão das diferenças dentro do país e, a partir daí, compreender os fatos que envolvem o suicídio de sua mãe Dordalma e exílio voluntário de seu pai Silvestre Vitalício.

Após o óbito de Dordalma, também Vitalício parece começar a repensar sobre a sociedade moçambicana e sobre os valores culturais que ela praticava, nos quais sempre acreditara e pregara em sua vida. Tais valores seriam aqueles referentes ao preconceito racial herdado da época colonial, aperfeiçoado e praticado no pós-independência pela maior parte da população negra moçambicana para com seus conterrâneos mestiços, os mulatos, e ainda, aqueles referentes ao machismo que leva à discriminação das mulheres no país, que são excluídas e apagadas socialmente.

Ao trabalhar a questão da identidade racial africana, o filósofo Kwame Anthony Appiah (1997) salienta as intenções políticas e sociais dos movimentos pan-africanismo e pan-negrismo como sendo elas as idealizadoras de um pensamento geral africano baseado em conceitos de raça oriundos de valores e visões não africanos, durante as construções políticas dos períodos pós-independência.

Segundo Kwame Anthony Appiah (1997), quando se trata de diferenças raciais, os fatores biológicos atrelados a fatores culturais são considerados para classificar as diferenças em sociedade, o que para esse filósofo é uma premissa

errônea, mesmo estando ela dentro de uma concepção científica. Afinal, não há realmente nesse sentido uma variedade gênica significativa, capaz de imputar a uma determinada raça, ou mistura racial, um certo grau de superioridade ou inferioridade em relação a uma outra raça.

Appiah (1997) levanta em seu texto os teores de racismo característicos no século XIX, aos quais ele denomina de doutrinas, sendo elas classificadas por ele como suas inimigas. Isto porque tais doutrinas provocaram, ao longo da história, muito sofrimento humano e vários erros morais dentro das sociedades. Dessa forma, segundo ele, as questões raciais em África giram em torno de três conceitos básicos, sendo eles o racionalismo, o racismo extrínseco e o racismo intrínseco.

O primeiro, ao contrário do que se pensa comumente, se difere muito do conceito de racismo comum, por assim dizer. Segundo Appiah a doutrina racionalismo:

Acredita que existem características hereditárias, possuídas por membros de nossa espécie, que nos permitem dividi-los num pequeno conjunto de raças, de tal modo que todos os membros dessas raças compartilham entre si certos traços e tendências que eles não têm em comum com membros de nenhuma outra raça. (APPIAH, 1997, p. 33).

Dessa maneira, esses trejeitos e tendências marcantes de uma determinada raça estipulariam “uma espécie de essência racial” (APPIAH, 1997, p. 33). De acordo com Appiah, o racionalismo estaria na parte essencial das tentativas científicas no século XIX de desenvolver uma teoria acerca da diferença racial, mas não com o intuito direto, ou exclusivo, de colaborar com tais saberes para discriminar o semelhante. Todavia, alguns intelectuais africanos lançaram mão de tais premissas para arquitetar pensamentos discriminatórios.

Já os racistas que seguem a doutrina extrínseca acreditam “que a essência racial implica certas qualidades moralmente relevantes.” (Appiah, 1997, p. 33). Dessa forma, se não fosse comprovada a existência de tais características, o racismo extrínseco não poderia ser comprovado, embora nenhum tipo de racismo possa ter esta classificação em sua plenitude absoluta. Ainda segundo Appiah, uma das manifestações sociais desse tipo de racismo mais comum e evidente é a

opressão, ou seja, se comprovadas tais diferenças, a distinção de tratamento entre raças seria justificável.

Quanto ao racismo intrínseco, de acordo com Kwame Anthony Appiah, ele ocorre quando as “pessoas que estabelecem diferenças morais entre os membros das diferentes raças” (Appiah, 1997, p. 35) acreditam na premissa de que “cada raça tem um status moral diferente, independente das características partilhadas por seus membros”. (Appiah, 1997, p. 33). Dessa forma, não importam quais seriam as características físicas, intelectuais ou morais de determinadas pessoas, para o racista intrínseco:

Nenhuma quantidade de provas de que um membro de outra raça é capaz de realizações morais, intelectuais ou culturais, ou de que tem características que, em membros de sua própria raça, haveriam de torná-lo admirável ou atraente, serve de base para tratar essa pessoa como ele trataria os membros similarmente dotados de sua própria raça (APPIAH, 1997, p. 35).

Tanto o racismo extrínseco quanto o racismo intrínseco acabaram se tornando, em África, ideologias sociais compartilhadas por diferentes grupos, de acordo com a sua formação intelectual e origem familiar da qual provêm seus indivíduos. Eles são manifestados socialmente por meio das relações entre as pessoas e pelo discurso que cada classe defende o que também corrobora com a política dos países africanos. Seriam justamente, a nosso ver, tais manifestações racistas que a personagem Mwanito passara a perceber e analisar ao migrar de Jerusalém para uma cidade de Moçambique, estando todas essas questões raciais arraigadas na memória oficial do país.

3.3 Mwanito: os tempos do existir

Mwanito, ao se inserir no meio social comum moçambicano, se depara com os mesmos costumes que condenaram sua mãe Dordalma, mas parece manifestar um posicionamento contrário ao de seu pai. Ao chegar ao meio urbano

moçambicano, Mwanito tem a oportunidade de conhecer as verdades sobre a morte de sua mãe Dordalma, que lhe haviam sido escondidas pelo pai até então. Dessa forma, ele passa a estabelecer vínculos com seu passado trágico, quando perdera a mãe e fora isolado em Jerusalém, e seu atual presente na cidade.

Durante a viagem, após a despedida da cidade de Jerusalém, ao contemplar a primeira vila povoada que encontrara pelo caminho, Mwanito lança mão de uma ótica leve para descrever aquele cenário novo para ele. Isso nos parece se dever ao fato de o narrador ter lançado um olhar crítico e consciente quanto ao novo que estava por vir em seu caminhar, e para todas as revelações que ele poderia lhe trazer. É interessante observar também que, mais uma vez, Dordalma se faz presente nessa experiência nova do menino:

Cruzávamos uma primeira vila. Foi então que vi, maravilhado, as ruas cobertas de gente. E foi uma embriaguez de tudo. A azáfama urbana, os carros, os reclames, os vendedores de rua, as bicicletas, os meninos como eu. E as mulheres: aos tufos, aos molhos, aos turbilhões. Cheias de roupas, cheias de cores, cheias de riso. Envoltas em capulanas como se se vestissem de mistérios. Minha mãe, Dordalma: eu a via em cada corpo, cada rosto, cada gargalhada. (COUTO, 2010, p. 219).

Enquanto Mwanito se inebria com as novas e reveladoras paisagens da cidade, Silvestre Vitalício parece desejar manter-se alheio a elas, se negando a enxergá-las de verdade. Esta negação em se reencontrar com o passado, por parte de Vitalício, nos parece estar relacionada à recusa dessa personagem em aceitar o que se passou. Vitalício parecia não querer reativar na mente as lembranças dolorosas associadas a seu passado, que corrobora uma memória coletiva e histórica de Moçambique que ele se empenhara tanto em esquecer.

Ao relatar essa parte de sua história pós-Jerusalém, o jovem narrador parece demonstrar, em seu texto, que seu posicionamento contrário ao do pai remetia à sua necessidade de reencontrar o lugar – ou ambiente – onde vivera com a família. Essa etapa parece pertencer ao início do diálogo entre a memória subjetiva do narrador e a memória coletiva de Moçambique, sobretudo pelo fato de que Mwanito podia até não se lembrar daquela casa, ou mesmo daquela cidade, mas ele já havia morado nela, sendo que esse fora o palco final do suplício de sua finada mãe. Dessa forma, necessitava (re) descobrir Moçambique, para poder então tirar as suas próprias

conclusões quanto aos valores culturais e ideológicos praticados em seu país nessa fase de reinserção social em que se encontrava.

Apesar de ter que continuar a cuidar de seu pai, ao conviver com Marta dentro da mesma casa e do mesmo quarto, Mwanito pôde se aproximar ainda mais da portuguesa, se tornando o seu confidente, assim como fora um dia de Silvestre Vitalício. Tal relação nos parece ter sido extremamente significativa para essa personagem, uma vez que, graças à portuguesa, Mwanito pôde, pela primeira vez na obra **Antes de nascer o mundo**, conhecer a verdadeira história que vitimara sua mãe Dordalma no passado e incentivara seu pai a encarcerar-se em Jesusalém por oito longos anos, juntamente com os filhos, rompendo com o ciclo regular do tempo.

Essa inter-relação das personagens Mwanito e Marta nos parece fazer parte do processo de engendramento da identidade narrativa da obra **Antes de nascer o mundo**, de acordo com o que postula Paul Ricoeur (1994) em seus estudos. Ligados por uma mesma intriga, sendo ela referente à permanência na cidade de Jesusalém, tanto o narrador quanto a portuguesa, ao saírem dessa cidade, buscam por respostas que justifiquem as perdas de seus entes queridos, ocorridas no passado. Enquanto Marta se esforça para encontrar em Maputo alguma evidência que explicasse o desaparecimento de seu marido Marcelo em África, Mwanito se esforça em se inserir neste meio social para conhecê-lo e, conseqüentemente, se encontrar nele também, além de desvendar as influências sociais que repercutiram no óbito de sua mãe, Dordalma.

Embora estivesse decepcionada com a descoberta da traição de Marcelo, que a enganara com a jovem Noci, Marta confessa ao narrador a importância de sua estadia em Jesusalém, dentro do seu próprio processo de retorno à condição de existente:

Ir a Jesusalém foi um modo de estar com Marcelo. A viagem tinha sido tão reparadora como um sono profundo. Ao participar daquele fingimento de fim de mundo, ela aprendera a morte sem luto, a partida sem despedida. (COUTO, 2010, p. 223).

Nessa experiência, ao conversar com Noci sobre Marcelo, Marta confessa à amante de seu marido que vira mulheres à beira do rio lavando as roupas de

Marcelo. Embora tal conclusão fosse logicamente impossível, a portuguesa explica a Noci que, para ela, “todas as roupas flutuando na corrente serão sempre de Marcelo. A própria substância dos rios todos do mundo será feita de lembranças contrariando o tempo” (COUTO, 2010, p. 223), pois o passado também está presente no futuro.

Dessa forma, nos parece pertinente retomar, aqui, as considerações acerca da simbologia do rio para as interpretações sobre o tempo na literatura, defendidas pelo pesquisador Hans Meyerhoff (1976). Para esse estudioso, como já foi citado nesse texto, a fruição corrente desse elemento da natureza parece referir-se ao desenrolar natural do tempo regular. Assim, nos parece que Marta demonstra, nesse momento, ter superado a traição do marido, bem como a sua perda definitiva.

Segundo os relatos da portuguesa, em uma quarta-feira comum, a mãe de Mwanito, ao sair de casa, foi encurralada por doze homens negros e violentada cruelmente por todos eles. Tal crime nos parece que fora motivado pelo racismo extrínseco que o grupo sustenta, sendo ele oriundo da memória oficial de Moçambique. Após o acontecido, Dordalma fora socorrida justamente pelo marido, Silvestre Vitalício, que após se posicionar quanto ao fato, de forma machista, a abandona na cozinha da casa da família, entregue a sua própria sorte. Em seguida, Vitalício reencontra a esposa morta após cometer suicídio, enforcando-se. O descaso de Silvestre para com o estado da esposa parece corroborar com o perfil do racista extrínseco, uma vez que a condição mestiça da esposa, atrelada ao seu comportamento revolucionário, justificaria, de acordo com os ideais sociais arraigados em seu marido, este tratamento que ela recebera, tanto de sua parte quanto da parte de seus violadores.

O que mais desesperava Vitalício, segundo os escritos de Marta, não se referia apenas à morte da esposa, mas sim ao fato dela ter ceifado a sua própria vida. Dessa forma, após tomar consciência de tais fatos, Mwanito passa a saber que sua mãe fora vítima, no passado, dos costumes sociais moçambicanos referentes ao racismo extrínseco inscrito no ideal do país.

Em seus escritos, a portuguesa também revela a Mwanito que, durante o funeral de sua mãe, mesmo contando com apenas três anos de idade, Mwanito enfrentou a multidão que compareceu ao evento para acariciar seu pai com suas mãos inocentes. Mesmo sendo ainda muito pequeno, ele enfrentara as pessoas

para consolar e amparar o pai. Para a portuguesa, fora esse gesto que fizera Silvestre Vitalício instituí-lo afinador de silêncios: “Talvez tenha sido esse silêncio que ele anteviu Jesusalém, esse lugar para além de todos os lugares.” (COUTO, 2010, p. 247).

Marta, além de outras coisas, estimula Mwanito a viver, viver realmente, mesmo tendo que carregar as lembranças do período em que vivera em Jesusalém: “Há muita viagem, muita infância que ainda podes viver. Ninguém te poderá pedir que não sejas mais que um pastor de silêncios.” (COUTO, 2010, p. 250). Tais revelações da portuguesa Marta parecem contribuir para a interpretação, por parte de Mwanito, da memória coletiva, além de enxergar, no período em que vivera em Jesusalém, algo positivo e libertador.

A partir de então, nos parece que, após tais revelações feitas por Marta, Mwanito passa a enxergar como as crenças ideológicas contribuíram e contribuem para a predominância de conflitos raciais em Moçambique, provocando a opressão para com os indivíduos miscigenados. Além dos equívocos quanto à questão da condição feminina, que resulta da predominância de um regime patriarcal no país. Certa vez, segundo relata Mwanito, ao acordar com o som de vozes femininas sendo proferidas na parte externa da casa de sua família, o narrador espreita pela janela a movimentação que se fazia do lado de fora: “Dezenas de pessoas enchiam a rua e paralisavam o trânsito. Gritavam palavras de ordem, empunhavam cartazes que diziam: ‘Parem com a violência contra a mulher!’”. (COUTO, 2010, p. 232-233). Dessa forma, Mwanito tivera a oportunidade de presenciar a tensão social que a violência contra a mulher provoca em Moçambique, podendo também constatar que a discriminação quanto à condição feminina não é, de fato, uma posição unânime.

Após cinco anos da partida da portuguesa, Aproximado e Noci fazem uma festa de aniversário para Mwanito, sendo ela a primeira de sua vida. Tal ritual social parece ter elucidado para o narrador a sua real condição de “existente”, livre do tempo de Jesusalém.

Fernando Catroga (2001), ao refletir em seu texto acerca dos ritos de recordação, salienta a importância desses para com o revivamento da memória. Embora, segundo ele, somente os indivíduos possam recordar, os rituais comemorativos em particular têm efeitos holísticos. Ainda segundo Catroga, tais

efeitos desempenham funções de sociabilidade que não se findam no problema da fidelidade.

Dessa forma, o ritual de comemoração por mais um ano de vida poderia se traduzir numa espécie de mensagem que unificaria as recordações pessoais, construindo e conservando “uma unidade que domestica a fugacidade do tempo num presente que dura”. (CATROGA, 2001, p. 51). Dessa forma, no enredo da obra de Mia Couto, tal experiência parece ter sido extremamente benéfica para Mwanito:

Nunca antes me fizeram uma festa de anos. A bem dizer, nem me ocorria haver um dia em que eu nascera. Mas eis que ali, na sala sombria de nossa casa, a mesa estava posta com bolos e refrescos, decorada com fitas e balões. Sobre a cobertura do bolo estava escrito o meu nome” (COUTO, 2010, p. 252).

Graças a Tio Aproximado Mwanito começara a frequentar a escola do bairro. Nela, o narrador demonstra se simpatizar com o professor que lecionava na instituição. Essa simpatia por parte de Mwanito para com o professor da sua primeira escola não era por acaso. Em suas aulas, o professor “falava com paixão sobre a injustiça e contra os novos-ricos”. (COUTO, 2010, p. 254). Ou seja, o professor demonstra ter uma visão crítica em relação à reorganização da sociedade moçambicana pós-independente a partir da segregação econômica e racial, que repete o modelo de administração vigente no período colonial e contraria o ideário da luta pela independência, quando os moçambicanos, unidos, reivindicaram o fim dos privilégios econômicos e raciais no país.

Segundo os relatos de Mwanito, em uma tarde de aulas, o docente levou a turma para visitar o local onde ocorrera o homicídio real que vitimara um jornalista que havia denunciado os corruptos moçambicanos. Ele reforçara, na ocasião, a seus alunos o fato de não haver, no local, nenhum monumento em homenagem a este profissional da comunicação que ousara desafiar a atual elite opressora do país, ao contrário de outros jornalistas afixados no solo moçambicano com o intuito de reforçar as ideologias coloniais e manter as diferenças sociais, raciais e econômicas.

Dessa forma, nos parece que as lições dadas ao jovem narrador dentro e fora da sala de aula, pelo professor, contribuíram para que Mwanito as somasse aos “delírios” que herdara do pai. Esta soma parece possibilitar ao narrador fazer

emergir, por meio de seus relatos, uma memória subterrânea de Moçambique, referente à história de preconceito contra a mulher e contra o segmento mestiço da sociedade.

Ao constatar como “funcionava” essa sociedade, Mwanito parece ter descoberto o mundo, e apesar da rejeição que passara a sofrer, o narrador parece demonstrar ter conseguido transgredir tal repulsa por meio da escrita, assim como em Jesusalém. Além disso, possivelmente por não concordar com a posição social moçambicana em seus relacionamentos sociais, Mwanito parece não mais se empenhar em conviver com seus conterrâneos:

Essa exclusão de todos me trouxe, confesso, um contentamento. Como se secretamente quisesse regressar a solidão. E esse descaminho fui seguindo nos tempos. Depois da morte do professor perdi o interesse pela escola. Saía de manhã fardado a rigor. Mas ficava pelo pátio rabiscando lembranças no meu caderno diário. Quando à volta tudo tinha escurecido, ainda as páginas guardavam o brilho do dia. De regresso a casa, passei a saudar o meu pai ao modo antigo, consoante aos mandos de Jesusalém:

-Já posso dormir, pai. Já abracei a Terra (COUTO, 2010, p. 256).

Dessa forma, nos parece que Mwanito constata, após conviver socialmente em Moçambique, que há arraigadas na memória coletiva do país, mazelas sociais referentes aos preconceitos existente com relação aos indivíduos miscigenados e ao gênero feminino. E ao organizar a sua memória individual, possibilita a exposição da memória oficial de Moçambique, expondo-as em seus escritos finais. Ele, finalmente, desperta a sua condição masculina, ao se envolver e se relacionar sexualmente com Noci, o que nos parece fechar um ciclo em sua vida, acerca do real contato com o feminino:

O amor vicia mesmo antes de acontecer. Isso aprendi. Como também aprendi que os sonhos se apuram de tanto se repetirem. À medida que os meus delírios nocturnos reclamavam por Noci, mais verdadeira se tornava a sua presença. Até que uma noite pude jurar que era ela, em carne e osso, que entrava furtiva, no meu quarto. O seu vulto se esgueirou lençóis adentro e, nos restantes instantes, naufraguei na intermitente fronteira dos nossos corpos (COUTO, 2010, p. 258).

Já ao término da obra **Antes de nascer o mundo**, ainda vivendo com o pai no meio urbano comum de Moçambique, Mwanito recebe a visita de Ntunzi, que se ausentara por ter se tornado militar. O mais velho noticia ao narrador que, durante o percurso que fizera com Zacaria Kalash para chegar até a cidade, passaram por Jesusalém. Segundo o narrador Mwanito, o irmão passara um dia inteiro na cidade, a procura de lembranças da estadia do clã nessa localidade:

Visitou os arruinados edifícios, esgravatou o chão como se raspasse na sua própria pele, como se as lembranças fossem um tumor oculto no corpo. E resgatou o baralho no esconderijo onde eu o deixara. Aquele era o único testemunho da nossa presença (COUTO, 2010, p. 273).

Comovido pelas revelações do irmão, sobretudo pelo fato de voltar a ver o seu baralho de cartas, onde registrara seus primeiros escritos em Jesusalém, Mwanito observa que tais cartas estavam corrompidas pelo tempo: “Parte delas estavam apagadas, ilegíveis. Reis, valetes e damas haviam sido destronados pelos vermes do tempo” (COUTO, 2010, p. 273- 274). Tal afirmativa do narrador nos parece que confirma a premissa de que o tempo regular havia, realmente, retornado a Jesusalém, destruindo o tempo de Jesusalém imposto por Silvestre Vitalício.

Após tal constatação, Mwanito confessa a Ntunzi ter herdado a cegueira do pai, Silvestre Vitalício: “- Tenho cegueiras Ntunzi. Sofro da doença de Silvestre” (COUTO, 2010, p. 275). Em seguida, entrega ao irmão seus papéis, sendo eles os cadernos do seu tempo de escola, onde registrara sua memória individual à medida que a estabelecia em contraposição com a memória oficial de Moçambique: “Tudo aquilo eu redigira nos momentos de escurecimento. Atacado por cegueiras deixava de ver o mundo. Só via letras, tudo o resto eram sombras.” (COUTO, 2010, p. 275).

Em um primeiro momento, na medida em que Ntunzi lia os cadernos de Mwanito, nos parece se tratar o texto de uma espécie de carta de despedida da personagem Silvestre Vitalício. No entanto, o próprio Ntunzi questiona ao irmão se fora ele próprio ou o pai que escreva tais registros. Mwanito, então, oferta ao irmão seus papéis identificando-os como Jesusalém: “Arrumei as folhas e as coloquei dentro da pasta. E lhe ofereci o meu livro como meu único e derradeiro pertence. – Aqui está Jesusalém.” (COUTO, 2010, p. 276).

3.4 Silvestre Vitalício: as aporias do presente

Enquanto morador de Jesusalém, Mwanito somente teve a oportunidade de trocar experiências frequentes com o pai e o irmão. Como já foi citado neste texto, Silvestre Vitalício sempre se recusou a contar aos filhos a história de seu clã antes dele chegar a Jesusalém. Ele sempre limitou o conhecimento dos meninos ao seu próprio conhecimento, aos fragmentos de histórias improváveis que o próprio Vitalício inventara na tentativa de convencer os meninos de que o restante do mundo realmente havia acabado, e de que o que sobrou dele era apenas Jesusalém.

Quando Mwanito insistia com o pai para que lhes falasse sobre o passado, principalmente sobre Dordalma, Vitalício chegava a afirmar-lhe: “- Vou dizer uma coisa, nunca mais vou repetir: vocês não podem lembrar nem sonhar nada meus filhos”. (COUTO, 2010, p. 17).

Mas, que interesses poderiam ser estes? Qual seria a real intenção de um pai ao negar aos próprios filhos o convívio coletivo? A intenção de Silvestre Vitalício nos parece que, na verdade, era forjar, por meio da força e do autoritarismo, enquanto líder do grupo, uma outra memória, condizente com seu interesse particular de poupar os meninos das contradições da memória oficial moçambicana, forjada desde o período colonial do país, passando pelo período entre guerras e se mantendo no pós-guerra de Moçambique.

Essa memória forjada pelo patriarca seria uma espécie de substituta da memória oficial de Moçambique. Isso tudo seria proveniente do fato de que a personagem Silvestre Vitalício, embora fosse produto da cultura opressora, após a morte de sua esposa Dordalma, passa a ter consciência de que a memória oficial do seu país induzia seus nativos a um eterno sofrimento, já que alimentava a segregação racial e a discriminação contra a mulher.

Michael Pollack salienta em seus estudos como os fatos sociais podem ser solidificados dentro de uma cultura, que os tornam “coisas” como forma de influenciar o comportamento de uma população. Após a solidificação desses fatos

históricos, torna-se bastante difícil uma reinterpretação deles. Dessa forma, essa dificuldade em assumir um novo olhar sobre a prática social moçambicana, por parte de Silvestre Vitalício, se justificaria pela forma como ela consolida comportamentos como o racista. O patriarca parece não conseguir lidar com seus conflitos, oriundos dessa nova maneira como ele interpreta esses costumes.

Essa negação da personagem Silvestre Vitalício em admitir os equívocos ideológicos acerca das questões referentes à mestiçagem em Moçambique nos parece estar de acordo com as considerações de Kwame Anthony Appiah acerca do posicionamento do racista extrínseco sincero. Este, ao contrário do racista extrínseco comum, se relaciona bem e verdadeiramente com a parte que oprime, por reconhecer nela aspectos com os quais se identifica. Na obra **Antes de nascer o mundo** Silvestre Vitalício era um homem africano negro que se casou com uma mulata. Dessa forma, acreditava ele que as diferenças históricas entre estas duas linhagens justificavam o tratamento diferenciado que dava a Dordalma, sendo este frio e distante, mas isto não significaria que ele não a amasse de verdade.

Ou seja, Vitalício, de acordo com tais preceitos, estaria correto, até então, em seu posicionamento matrimonial. Todavia, ao lançar um olhar diferenciado quanto a tais conceitos ao ficar viúvo lhe induziu a desenvolver o que Appiah define como “defesa ideológica”. (Appiah, 1997, p. 34). Segundo o estudioso “a incapacidade de mudar de ideia diante das evidências é uma deficiência cognitiva, da qual todos nós decerto sofremos em algumas áreas de crença”. (Appiah, 1997, p. 34). Dessa forma, se libertar das amarras que o prendiam ao racismo extrínseco sincero não era uma tarefa fácil.

Dordalma era uma mulher mulata, inserida em uma sociedade que discriminava sua raça e seu gênero. Embora tivesse se casado oficialmente com um homem negro, continuara a ser vista, entre os moçambicanos, a partir de sua diferença. Tais fatores, atrelados ao adultério que ela praticara, parecem ter justificado socialmente, na obra **Antes de nascer o mundo**, o seu estupro coletivo, como sendo este uma espécie de vingança histórica dos homens em relação ao passado colonial de Moçambique, conforme já citamos anteriormente.

Inconformada com uma sociedade que a condenava por ter sido gerada a partir dessa afronta ao homem negro, sobretudo com o comportamento conivente de

seu próprio marido, Dordalma opta por ceifar sua própria vida como uma maneira possível de registrar a sua recusa em continuar a viver como membro de um meio em que ela é duplamente discriminada. Sobretudo, Dordalma parece ter se recusado a aceitar o abandono moral público de seu próprio companheiro, que lhe virara as costas em um momento de sua vida em que toda a sociedade já havia lhe condenado e abandonado.

Seu marido, Silvestre Vitalício, que na ocasião ainda respondia como Mateus Ventura, não parecia se apartar, até a data de sua morte, desses valores sociais moçambicanos que legitimavam a discriminação aos mulatos e às mulheres. Essa é uma das razões de seu sofrimento posterior, a possível parcela de culpa pelo martírio da esposa, de acordo com o que relatou a portuguesa Marta a Mwanito: “Depois do funeral, o teu pai recolhera-se dias a fio na igreja. Não participava do coro, mas assistia às missas e depois, deixava-se ficar, prostrado como um mendigo a que faltasse o lar.” (COUTO, 2010, p. 247).

Ao sofrer o choque de testemunhar os incidentes criminosos que vitimaram sua esposa Dordalma, Silvestre Vitalício parece ter sido induzido a refletir acerca dos valores sociais que aprendera desde sempre e com os quais compactuava, como se não houvesse em Moçambique outra maneira de pensar sobre a história e a cultura do país.

Dessa forma, após tal incidente, houve, por parte do chefe do clã, uma possível necessidade de fugir do julgamento coletivo e social que poderia sofrer, devido ao suicídio da esposa, e da culpa que sentia pelo fato de Dordalma ter cometido suicídio. No entanto, mesmo fugindo desses valores sociais, Silvestre Vitalício, na verdade, não consegue romper totalmente com as amarras que lhe prendiam a eles. Assim, ao retornar com seus filhos para a cultura que armazenara essa memória oficial e histórica, o viúvo demonstra temer as consequências que sofreria, juntamente com Ntunzi e Mwanito, ao se reencontrarem com a realidade moçambicana.

Ao chegarem finalmente à cidade, Silvestre Vitalício se lamenta por considerar estar tudo ali morto, passando a se sentir um prisioneiro em sua própria casa. Como o narrador registra em seus escritos, dentre as descrições do comportamento das personagens ao se depararem com a antiga casa na qual

viveram durante o período em que Dordalma ainda era viva, seu pai parecia se recusar a encarar o imóvel:

Ao contemplar a fachada contemplei que nada ali ressoava em mim. O mesmo parecia acontecer com Silvestre Vitalício. Aproximado abriu os vários cadeados que encerravam as grades das portas. A operação levou um tempo durante o qual o meu pai permaneceu de olhos baixos, como um prisioneiro ante a futura cela. (COUTO, 2010, p. 221).

Tal conclusão do narrador acima transcrita estaria atrelada ao deslocamento subjetivo do pai, uma vez que ele já não se sentia filho daquela cultura da qual fugira, tão pouco pertencia à cidade de Jerusalém. Além disso, a própria casa poderia ser, de certa forma, para o chefe do clã, culpada pelo seu sofrimento, por ser ela tão antiga, tão eterna, tão viva e cheia de lembranças das quais ele quer se esquecer. Além disso, obviamente, jamais conseguiria esvaziar sua própria mente, se livrando de todos os valores que absorvera durante a sua vida, pois eles faziam parte dele mesmo.

O retorno à cidade parece possibilitar o ressurgimento dos incidentes que culminaram com a morte de Dordalma. Ciente desse provável retorno das lembranças de seus antigos vizinhos, Vitalício anuncia ao filho Mwanito, assim que entra na sua própria casa, que não aceitaria, naquele recinto, nenhuma presença que não fosse a deles mesmos, pois temia pela maldade e corrupção representadas por aqueles que os cercavam.

Esse temor do julgamento da cidade faz com que Silvestre Vitalício, de acordo com os registros de Mwanito, implore ao narrador que não permita que ele seja exposto: “- O que quero combinar consigo é o seguinte: se me quiserem levar por ai, pela cidade, você não me deixe, meu filho. Promete?” (COUTO, 2010, p. 223).

A contradição social acerca dos valores e crenças que se pregam dentro da cultura moçambicana parecem se encenar em uma fala de Vitalício dirigida ao narrador Mwanito, quando este pergunta ao filho caçula se ele era capaz de perceber, dentre o meio urbano no qual estavam, “como o luxo escandaloso se encosta na miséria”. (COUTO, 2010, p. 224).

Tal colocação por parte do patriarca nos parece refletir, de forma bastante clara, como a narrativa de Mia Couto encena as contradições da sociedade moçambicana por meio das contradições de Vitalício. O patriarca era um chefe de família em uma sociedade opressora e incoerente, que insistia em seguir regras e costumes que só traziam sofrimento para todos. No entanto, ninguém – ou quase ninguém – se mostrava capaz de ousar, tentar romper com tais amarras, por estarem elas arraigadas dentro de uma sociedade que perpetuava esse sistema de domínio e de instalação de diferenças.

Ao tentar, mais uma vez, compreender as atitudes do pai, Mwanito conclui que “Jesusalém lhe dera o esquecimento. O veneno da serpente lhe trouxera o tempo. A cidade lhe causara a cegueira.” (COUTO, 2010, p. 225). Seria esta cegueira citada por Mwanito um meio encontrado por Silvestre Vitalício para tentar negar a sociedade na qual ele voltava a estar inserido?

Não satisfeito em adotar a cegueira, Silvestre Vitalício resolve também atribuir a si mesmo a condição de louco, conforme afirma Mwanito em seus escritos: “Todos tinham encontrado um lugar. Eu reencontrara a minha primeira casa. Meu pai ganhara morada na loucura.” (COUTO, 2010, p. 234). Tal solução, por sua vez, não poderia ser adotada pelo narrador Mwanito, pois, ao contrário do pai, Mwanito demonstra, por meio de sua escrita, uma capacidade de lidar com o meio no qual está inserido, independente de qual seja, o que para ele é uma grande vantagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos demonstrar, por meio das personagens Mwanito, Ntunzi, Silvestre Vitalício, Marta e Dordalma, da obra **Antes de nascer o mundo**, do escritor moçambicano Mia Couto, como as escolhas das personagens estabelecem o tipo de relação que cada uma pode tecer com o tempo, de acordo com os acontecimentos que ocorrem em suas vidas conforme a narrativa encena. Dessa maneira, concluímos que o que se passa em Jesusalém é uma grande metáfora da condição humana, uma vez que, embora a ficção esteja largamente distante da realidade, essas duas instâncias têm em comum o livre-arbítrio dos que nelas estão inseridos.

Entendendo que o tempo regular não se explica ou se rotula, conforme salientou o filósofo Paul Ricoeur (1994), ao término deste trabalho, nos chama a atenção à maneira original como o autor Mia Couto construiu cada uma das personagens acima registradas, de modo a encenar justamente como o olhar individual de cada ser ficcional acerca do tempo determina a sua relação com ele. O posicionamento que cada personagem adota, seja ele benéfico ou não, determina o que lhe sucederá, pois se liga, simultaneamente, a seu passado e a seu futuro. Todavia, tal construção analítica somente pode ser estabelecida por meio da literatura.

Dessa forma, buscamos no primeiro capítulo desta tese esboçar como o tempo encenado dentro da ficção possibilita a sua sintetização heterogênea, conforme afirmou Ricoeur. Ou seja, ao invés de persistir na busca incisiva de um único conceito que abarque o que seria de fato o tempo, por que não lançar mão dos vários estudos sobre ele para refletir, em um âmbito não supremo e absoluto, o que seria ele? Tal recurso só pode ser usado por meio do engendramento das personagens que tecem o enredo narrativo, de acordo com as associações de elementos divergentes que elas fazem em suas escolhas, o que a realidade, de fato, não permite.

A personagem Mwanito é, dentro do enredo da obra, uma testemunha do conflito pessoal do pai Silvestre Vitalício, tendo sido por ele, assim como o irmão

Ntunzi, vitimado em decorrência desse mau sofrido pelo genitor. Todavia, o menino não é de fato corrompido por tais incidentes. Ao ser nomeado “afinador de silêncios” pelo próprio Silvestre, Mwanito escolhe transgredir por meio do silêncio, e não sucumbir em meio à ausência de palavras, ou mesmo romper definitivamente com o mundo, conforme fez Vitalício quase no fim de seus dias.

Juntos, Ntunzi e Mwanito estabelecem maneiras de registrarem a passagem do tempo – o mais velho selecionou o desenho das estrelas em uma parede arruinada, já o mais novo, lançou mão da escrita – e com esta atitude, proporcionam a chegada de memórias e lembranças de um passado do qual eles foram subtraídos pelo pai. Dessa maneira, os dois irmãos desenvolvem seus instintos e sonhos pessoais, dentro da cidade cárcere, mesmo que de maneira restrita.

Ao tentar estagnar o tempo regular e criar uma nova ordem de tempo, denominada, nesta análise, como o tempo de Jesusalém, Silvestre Vitalício intencionou salvar os filhos e a si próprio de um mundo no qual ele não mais acreditava, mas do qual não conseguiu fugir, por fazer parte dele. E ao tentar controlar os meninos, ele somente conseguiu instigar nos filhos o desejo de se libertar do regime forçado que lhes impôs, o qual só trazia sofrimento para os dois. Assim, vemos como, na obra, cada personagem é responsável por suas escolhas, e as de Silvestre somente o conduzem à solidão e ao sofrimento.

No segundo capítulo deste texto, buscamos demonstrar como o universo particular criado por Silvestre Vitalício se rompe, estabelecendo uma conexão significativa entre os tempos passado e futuro, por meio das personagens femininas Marta e Dordalma. Se para Silvestre Vitalício o feminino simbolizava a perdição do homem, para Mwanito e Ntunzi ele era a salvação para todos os problemas que estavam enfrentando em Jesusalém. O repúdio ao gênero feminino, por parte de Silvestre Vitalício, só aumentou o desejo dos filhos de descobrirem o que era uma mulher, e isto possibilitou a saída da família da cidade cárcere.

A literatura moçambicana se constituiu, como foi citado neste texto anteriormente, consoante a consolidação da nação independente. Dessa forma, é natural, portanto, que ela esteja fortemente ligada à realidade social que constitui seu contorno, sendo uma das características marcantes da escrita de Mia Couto as denúncias acerca das relações sociais em Moçambique. Em **Antes de nascer o**

mundu o autor levanta dois temas polêmicos, sendo eles a questão da miscigenação como fator discriminatório e a repressão feminina, ambos arraigados na história desse país.

Ao trazer esses temas para a cena literária, o autor nos parece estimular o seu leitor a descobrir quais mensagens estavam escondidas, ou subentendidas em meio às “intrigas” que teceram essa narrativa. Como quando a portuguesa Marta chega a Jerusalém trazendo com ela a memória coletiva de Moçambique e o tempo regular, culminando na saída do grupo liderado por Silvestre Vitalício dessa cidade.

Dessa forma, no capítulo III, buscamos demonstrar como, ao trazer as várias temporalidades existentes no enredo da obra **Antes de nascer o mundo** por meio de sua escrita, o narrador Mwanito consegue organizar sua memória individual, contrastando-a com a memória histórica de Moçambique, o que possibilita a exposição da memória subterrânea desse país. E, ao desenterrar essa memória silenciada, Mia Couto expõe em seu texto as instabilidades em que vive o povo moçambicano.

Sendo assim, em nosso terceiro e último capítulo, exploramos a personagem Mwanito, que, por meio de suas escolhas ante ao que vive dentro da sociedade moçambicana, organiza sua memória individual, em consonância a memória coletiva/histórica do país. É importante observar que, embora tivesse desejado e se empenhado em sair de Jerusalém, ao descobrir os tipos de preconceitos que havia em Moçambique, Mwanito lança mão da solidão que tinha na cidade cárcere para não ter que conviver com as mazelas sociais que conheceu e das quais discordou prontamente.

Dessa maneira, foi o que procuramos mostrar com a escrita desse trabalho, por meio da leitura da obra **Antes de nascer o mundo**, sob o olhar dos teóricos aqui levantados. E por extensão, intentamos valorizar o trabalho do escritor Mia Couto, que soube maestriamente reconhecer na oralidade popular a capacidade humana de se impor, fazendo-se valer por meio de sua voz e a sua vez. Com este trabalho, Mia Couto conseguiu dar destaque aos menos favorecidos socialmente, de maneira a preservar as lembranças dolorosas da história de Moçambique, mas verdadeiras. E, de tudo ainda, estabeleceu em sua obra a função dialógica entre a função narrativa e a experiência humana de tempo, o que na vida real, de fato, não é possível.

BIBLIOGRAFIA

A Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. Barueri: SP. Edição e Diagramação: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

ANDRADE, Mário Pinto de. **Origens do nacionalismo africano.** Lisboa- Portugal: Ed. Publicações Dom Quixote, 1997.

APPIAH, Kwane Anthony. **Na casa de meu pai:** a África na filosofia da cultura. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e estética (a teoria do romance).** 3. Ed. São Paulo: Ed. UNESP: HUCITEC, 1993. 439 p (Linguagem e cultura; 18)

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção.** 9. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. 121p. (debates).

CATROGA, Fernando. **Memória e história.** In: Fronteiras do milênio/ Sandra Jatahy Pesavento (org). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 43-69.

CHIZIANE, Paulina. Entrevista concedida a Rosália Diogo. In: **Scripta**, Belo Horizonte, vol. 14, n.27, p. 173-182, 2º sem. 2010.

COUTO, Mia. Entrevista concedida a Rosália Diogo. In: **Scripta**, Belo Horizonte, vol. 14, n.27, p. 195-205, 2º sem. 2010.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. **Cadernos Cespuc de pesquisa.** Belo Horizonte, n. 16, p. 13-19. 2007

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

HAMILTON, Russell G. **Literatura Africana, literatura necessária, II: Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe.** Lisboa: Edições 70, 1984.

KAGAME, Alexis. A percepção empírica do tempo e concepção da história no pensamento Bantu. In: **As culturas e o tempo:** Estudos reunidos pela UNESCO. Paul Ricouer (org). Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, c2003. 541 p. ISBN 8526806157

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Orgs.). **Performance, exílio, fronteiras**: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002. p. 69-91.

MEYERHOFF, Hans. **O tempo na literatura**. Tradução de Myriam Campello, revisão técnica de Afrânio Coutinho. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1976.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (Tomo 1): tradução de Constança Marcondes César – Campinas, SP: 1994.

SALGADO, Maria Teresa; SEPULVERA, Maria do Carmo. **África & Brasil: Letras em Laços**. Editora Yendis. Rio de Janeiro, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes. In: PADILHA, Laura e HELENA, Lúcia. Revista **Gragoatá**. n. 24. Niterói: EDUFF, 2008.

SILVA, Ana Cláudia. **O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto** . São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 282

POLLACK, Michel. **Memória, e identidade social**. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1992.

POLLACK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio**. In: **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.